

An aerial photograph of a lush green forest. A river flows through the center, and a dam is visible in the background. The image is overlaid with a semi-transparent green filter.

BDMG'CULTURAL

**RELATÓRIO DE AÇÕES
E CONTRIBUIÇÕES
À SOCIEDADE**

2019 – 2020

1

ABERTURA

DIALOGAR, REFLETIR E REPACTUAR **P. 8**

GESTÃO PLURAL **P. 13**

2

2019 | 2020

MAPA DE AÇÕES **P. 16**

VOZES MÚLTIPLAS E APRENDIZADOS **P. 18**

CIDADES ALCANÇADAS **P. 20**

2019 | 2020 EM NÚMEROS **P. 22**

AÇÕES REALIZADAS **P. 24**

AÇÕES PATROCINADAS **P. 74**

3

FUTURO

UM HORIZONTE QUE SE AVIZINHA **P. 90**



1

ABERTURA

DIALOGAR, REFLETIR E REPACTUAR

GESTÃO PLURAL

**AUTO-DEMARCAÇÃO DE PAU PRETO,
FILME DE LUCIANO SANTOS DAYRELL**
Presente na Revista Nº 3:
Coletivos e Coleções

DIALOGAR, REFLETIR E REACTUAR

8

Narrar e dar a ver o trabalho realizado no transcorrer do ano faz parte dos compromissos públicos das instituições. Este relatório atende a essa demanda e pretende ir além: é momento para o diálogo e para a reflexão sobre as ações e as contribuições do BDMG Cultural à sociedade durante o ciclo 2019-2020.

2020 impôs ao mundo uma pausa sob muitos aspectos e também colocou sentimentos, pensamentos, contradições e debates em ebulição. Foi um ano de impacto exacerbado nas subjetividades e nas experiências mais íntimas e, ao mesmo tempo, nas vivências mais coletivas e nas grandes narrativas. A cultura e a arte, como as entendemos, transitam entre esses diferentes lugares de ser e nos afetam trazendo à tona as alegrias mais contidas e as sensibilidades mais expressivas de cada indivíduo, e ainda agenciando experimentações coletivas e plurais na esfera pública.

A virtualização das experiências cotidianas, o esvaziamento dos espaços coletivos de convivência e toda a complexidade econômica, social, sanitária e política que se apresentam são desafios que nos chamam para novas formas de pensar o mundo, de viver no mundo e de inventar mundos.

Por isso, mais do que nunca, é necessário que a sociedade e as instituições reatuem seu comprometimento com a criação, com a possibilidade de estabelecer diálogos mais amplos, com os diferentes saberes e com a reverberação de forças inventivas e sensíveis.

Para uma instituição atrelada a um banco de desenvolvimento, nos parece fazer imenso sentido que esta contribuição se fortaleça e também permita a descoberta de novos caminhos. O Banco de Desenvolvimento de

Minas Gerais completará 60 anos em 2022 e, há 32 anos, é mantenedor do BDMG Cultural. Uma trajetória longa que, na atual gestão, se faz de continuidade e novidades, de tradição e de rupturas.

Desde 2019, estamos trabalhando com o conceito de cultura em um campo expandido, na interconexão entre arte e vida, entre cultura e educação, entre múltiplos saberes, numa perspectiva em que a cultura é agente transformador e propulsor do desenvolvimento.

Entendemos que as instituições culturais de interesse público podem ter papel fundamental na constituição de uma comunidade, seja ela territorial ou não.

Somos hoje executores de programas, apoiadores do setor e produtores de conteúdo, mas também nos colocamos em um papel estruturante, cívico e social, de contribuição para a coesão social, para a produção de conhecimento e para a construção e o compartilhamento de diferentes imaginários.

Dessa maneira, posicionamos educação e cultura como vetores essenciais e necessários de uma agenda de desenvolvimento. Uma agenda pautada pelos compromissos dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), que não trazem um mandato específico para a cultura, mas que reconhecem a mesma como transversal e essencial às diversas conquistas que se fazem necessárias para a construção de um presente e um futuro mais sustentáveis.

CAPAS DA SÉRIE DE PODCASTS

Ciclo 01: Aline Vila Real, Aline Motta, Gabriel Martins e Guilherme Cunha. Ciclo 02: Renata Marques, Sueli Maxakali, Jonathas de Andrade e Bernardo Esteves. Ciclo 03: Tatiana Carvalho Costa, Helena Vieira, Benjamin Seroussi e Cida Moura. Ciclo 04: Roberto Romero, Isabel Casimira Gasparino, Ibã Huni Kuin e Carolina Levis.”

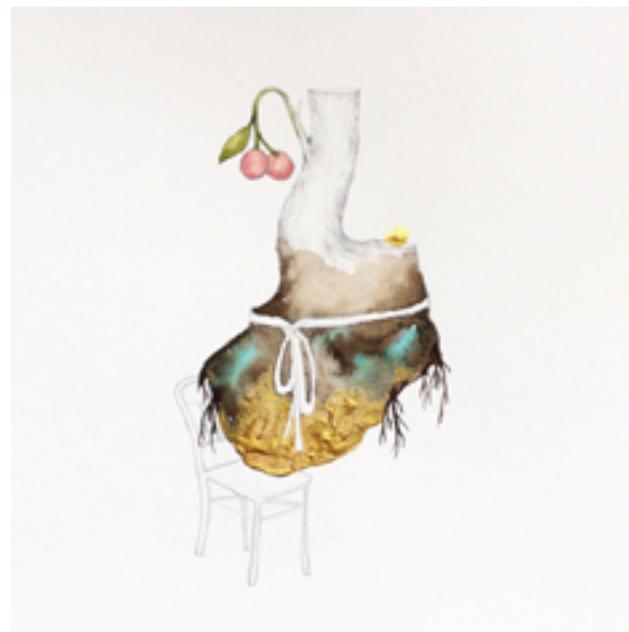


EXPERIMENTAÇÕES

Em Grande Sertão: Veredas, João Guimarães Rosa, por meio do protagonista Riobaldo, nos lembra de como a vida e os seres estão em constante processo, em constante transformação. “Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.”

Inspirados nessa visão da vida em processo, buscamos entender a complexidade do cenário em que vivemos e experimentar novas formas de relação com artistas, pensadores e o público neste momento tão desafiador para a sociedade. Ampliamos canais de comunicação, modelos de apoio e principalmente estimulamos a produção de conhecimento e a possibilidade de investigação artística. Neste momento, precisamos refletir e encontrar novas formas de experimentação.

Não existe arte nem conhecimento sem pesquisa. Espaços de experimentação, de reflexão, de investigação são fundamentais para o desenvolvimento criativo, social e econômico de qualquer sociedade. Até que uma obra, de que campo seja, chegue ao público, há processos, erros, acertos, trocas e caminhos errantes que precisam ser percorridos. Por isso, lançamos o LAB Cultural e estamos pensando constantemente nas formas de contribuição que podemos dar para a vida pública por meio de pesquisa, experimentação e conhecimento.



O ANO QUE MAIS FICOU EM SILÊNCIO, EFE GODOY - 2020
Desenvolvido durante o projeto Lab Cultural

NOVAS FRONTEIRAS

Outra expressão importante do nosso trabalho nesta gestão foi olhar criticamente e construtivamente para o imaginário que o estado de Minas Gerais ocupa na cultura nacional. Sabemos que é preciso olhar com sensibilidade e conhecimento, preservar a cultura e preparar o futuro nessas grandes mudanças, colocando a instituição em um lugar de mais diversidade, não afeita a estereótipos e sempre plural.

A conexão do BDMG Cultural com diferentes territórios dentro do Estado sai mais forte em 2020. Foram muitos diálogos, mais projetos do interior do Estado apoiados e mais participantes das diversas regiões em nossos editais públicos.

Nos dedicamos, nas edições da REVISTA e em nossos Podcasts, a narrar e dialogar mais com os diferentes povos e culturas que habitam nosso território e além. Estamos sempre atuando para que Minas seja cada vez mais sem fronteiras que nos reduzem e cada vez mais com fronteiras que nos interconectam.

Para nós, natureza e cultura, cosmopolitismo e localismo, rural e urbano, tradição e inovação são todos lugares de contrastes complementares. Carlos Drummond de Andrade já nos colocava a refletir sobre em um poema de 1930, “no elevador penso na roça, na roça penso no elevador” (“Explicação”, de Alguma poesia).

A nossa grande questão é como provocar aprendizados mútuos entre a cultura e a natureza, a técnica e o pensamento, a oralidade e a escrita, a roça e o elevador.

O desenvolvimento que vislumbramos é interconectado, reúne conhecimentos de universos distintos. Em um campo

aberto, dialógico e polilógico. O imaginário e a comunicação se aproximam como modos de avançar na multiplicidade sem renunciar à unidade nem à simplicidade.

E, assim, seguimos engendrando uma combinatória de experiências, informações, leituras, imaginações, e apoiando a profusa produção cultural mineira.

O ano foi difícil, complexo e desafiador, mas seguimos juntas nesta jornada e refazemos, mais e mais vezes, nosso pacto com a cultura, a arte e a educação e com um desenvolvimento indissociável das mesmas.



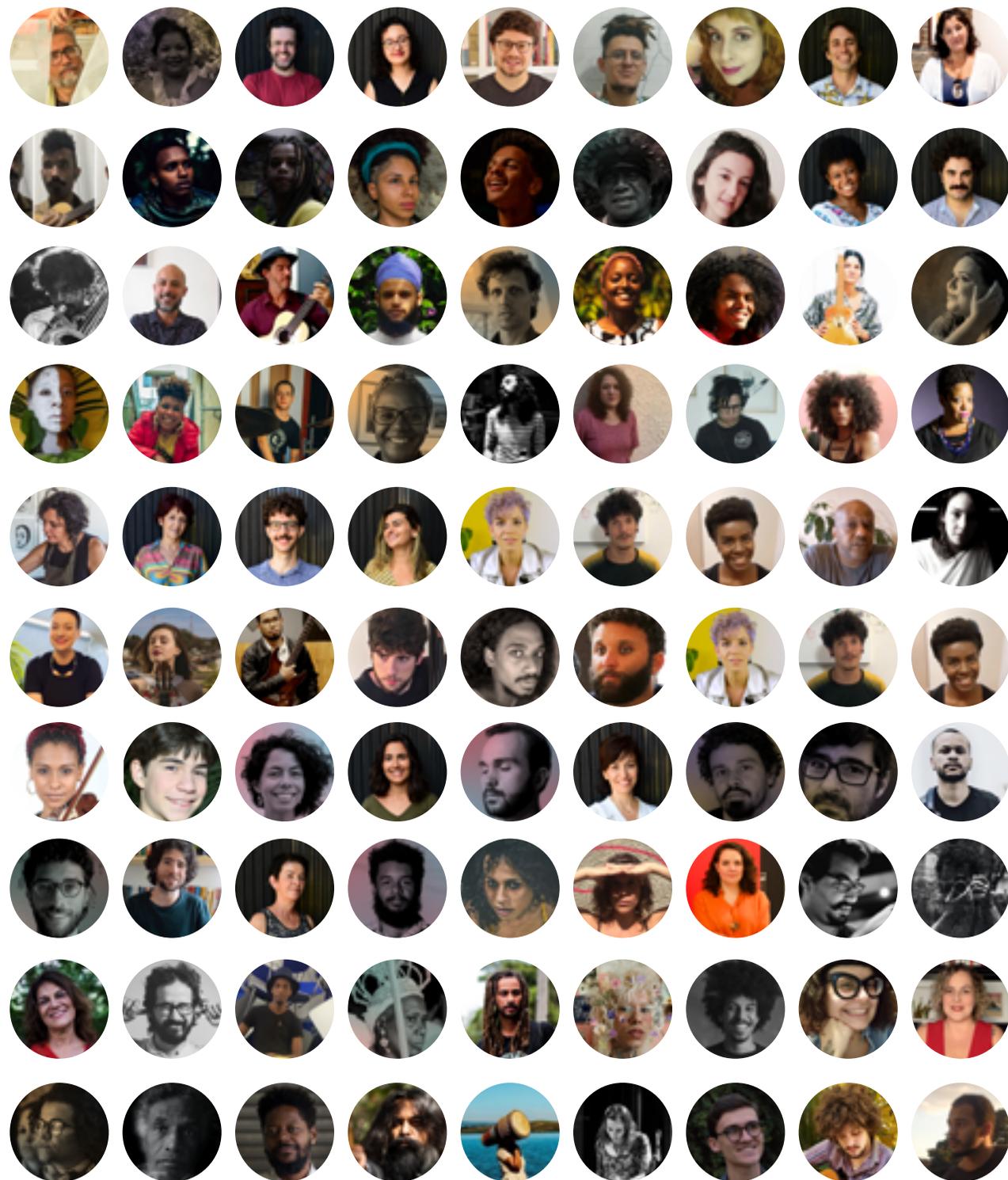
GABRIELA MOULIN

Diretora Presidente do BDMG Cultural



SERGIO GUSMÃO SUCHOLDOSKI

Presidente do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais



Em 2021, a equipe do BDMG Cultural trabalhou junto com artistas, pensadores, curadores e o público para ampliar nossos diálogos

GESTÃO PLURAL

No cenário desafiador do mundo atual, o BDMG Cultural tem se permitido um amplo processo de reflexão na sua gestão e na sua cultura organizacional. Como parte desse processo de reflexão e melhoria contínua, acreditamos na importância de um ambiente com multiplicidade de parceiros, cada vez mais plural e que estimule todas as formas de diversidade. Diversidade de corpos, de ideias, de jeitos de estar no mundo, de ser artista, de ser gestor e de construir um futuro sustentável e seguro a todos e a todas.

Como parte desse movimento e, em sintonia com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), ainda em 2019, nos unimos ao Comitê BDMG Plural, composto por colaboradores do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, que se propõe a ser um disseminador e um provocador do pensamento reflexivo e de iniciativas que visem valorizar a diversidade, seja no ambiente interno, com os nossos colaboradores, seja entre parceiros e clientes. Um potente movimento de mudança, que pretende ser um ponto focal para o estudo, discussão e proposição de ações, contando com a potência instalada em nossos projetos e equipes para que esta temática seja parte efetiva do nosso dia a dia, nos próximos anos.

Em 2020, ano em que foi necessário repensar o nosso modo de vida, tempo em que o futuro se mostra mais ambivalente e incerto do que nunca, o BDMG Cultural também está refletindo sobre suas intenções e propósitos como organização, reinventando-se todo o tempo e contribuindo para que a rede de organizações de interesse público ligadas à cultura possa também se refazer em meio a tantos desafios.

Uma gestão mais humana, afetiva, transparente e engajada nas pessoas, nas suas histórias e nos seus saberes é o que temos construído juntxs.



CLARISSA PERNA FILGUEIRAS
Diretora financeira do BDMG Cultural e membro do BDMG Plural



2

2019 | 2020

MAPA DE AÇÕES

VOZES MÚLTIPLAS E APRENDIZADOS

CIDADES ALCANÇADAS

2019 | 2020 EM NÚMEROS

AÇÕES REALIZADAS

AÇÕES PATROCINADAS

MAPA DE AÇÕES



NOVIDADES

Novo portal de conteúdo do BDMG Cultural com produtos diversos:

- REVISTA BDMG Cultural
- Acervo de artes visuais
- Acervo da biblioteca
- Rádio BDMG Instrumental
- Educativo

- Edital Redes de Conhecimento
- Edital Lab Cultural
- Programa Educativo



MÚSICA

- Coral BDMG
- Prêmio Flávio Henrique – 2019 e 2020
- Prêmio Marco Antônio Araújo – 2019 e 2020
- 19º Prêmio BDMG Instrumental
- Prêmio Jovem Músico 2019
- Prêmio Jovem Instrumentista 2019
- Prêmio Jovem Instrumentista 2020 – online
- Edital Colé – 2019 – Laboratório Coletivo de Design para criação da identidade visual da 20ª edição do Prêmio BDMG Instrumental
- Mostra BDMG Instrumental – Youtube
- Edital 20º Prêmio BDMG Instrumental



ARTES VISUAIS

• Edital Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2018/2019
Exposições: “Estratégias do Mercado”, de Augusto Fonseca | “A água e os sonhos”, de Christiana Quady | “Tudo sobre nada”, de Mário Azevedo | “Linhas de Transposição”, de João Pedro Nemer | “DizOrdem”, de Alisson Damasceno

• Edital Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2019/2020
Exposições: “Alegria nas Pernas”, de Alexandre Júnior | “Onde a Coruja Dorme”, de Froiid | “Avenida Amazonas”, de Felipe Chimiatti | “Em nome da Rosa”, de Eugênia França | “Bunker 24” – O Gueto de Cor de Rosa, de Lamounier Lucas | “A memória para-da acerta três vezes ao dia”, Esther Az (2021)

• Edital Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2021



AÇÕES PATROCINADAS

- Exposição Mundos Indígenas, no Espaço do Conhecimento da UFMG
- Mostra Cinema, Olhares no Feminino
- 23º e 24º do forumdoc.bh
- 3º e 4º Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras de Belo Horizonte
- Revista Manzuá 3, Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu
- 14ª Edição da Revista PISEAGRAMA – FUTURO
- Livro “Retratistas do Morro” – Acervo imagético dos fotógrafos tradicionais do Aglomerado da Serra
- 9ª edição do Festival Internacional de Artes de Tiradentes – Artes Vertentes
- Publicação “De primeiro, na Rua Nova”
- Flipoços 2020 – Feira Literária de Poços de Caldas
- Cine Barranco, um registro do cinema em Januária
- Maratona Fotográfica FIF BH 2020 – Festival Internacional de

- Fotografia de Belo Horizonte
- 4º Festival de Cinema de Muriaé – Online
- Tecelãs de Tocoíós – As Cores do Vale do Jequitinhonha
- 33ª e 34ª Semanas de Música de Câmara
- Mãos Femininas
- Publicação “Habemus Muquifu” do MUQUIFU – Museu dos Quilombos e Favelas Urbanas
- Faísca – Festival Internacional de Risografia
- Obras Educativas Padre Giussani
- Revista Nova Economia no 29 (Cedeplar, FACE, UFMG) – “Cultura e Desenvolvimento”
- Publicação da tradução de Quelque part dans l’inachevé, de Vladimir Jankélévitch
- Projeto “Entre Rios e Ruas” | Espetáculo “Mineral” – Pré Brics Summit Minas Gerais
- 1º Fórum de FotoPerformance



ARTES CÊNICAS E CINEMA

- Edital Trilha Cultural
- 5º e 6º Prêmio BDMG / FCS de Curta Metragem de Baixo Orçamento



LITERATURA

- Lançamento do livro Literatura Mineira: Trezentos Anos

VOZES MÚLTIPLAS E APRENDIZADOS

Como potencializar a capacidade e o legado de uma instituição cultural? Como atribuir mais pluralidade às suas ações de fomento? Como fazer caber mais gente? Como oferecer a artistas e ao público uma experiência formativa mais potente? Como contemplar saberes diversos? Como ouvir e apoiar as diversas vozes de Minas Gerais? Como conectar com clareza cultura e desenvolvimento?

Não foram poucas as perguntas e desafios que o BDMG Cultural se colocou em 2019. E não foram poucas as respostas práticas que se seguiram em um curto espaço de tempo, como você poderá acompanhar nas próximas páginas.

Em 2019, a equipe do BDMG Cultural se dedicou a repensar sua atuação, entender seus propósitos e repactuar seus compromissos, tendo sempre em vista o legado já construído nos 32 anos da instituição.

Assumindo que cultura e educação andam juntas, sempre, e são propulsoras do desenvolvimento, criou-se um programa educativo transversal e interdisciplinar, cujas premissas emergiram de um trabalho conjunto, com o apoio do coletivo Micrópolis, e tornaram-se parâmetros para a instituição: fazer junto, descentralizar, pensar no valor público das atividades e encontrar um denominador comum (com todos os seus públicos) foram alguns deles. O próprio espaço físico e os canais de comunicação passaram por mudanças, para traduzir esses desejos.

2020 seria então um ano de seguir com mais intenção e também de novas viagens. E foi, apesar da pandemia e aportando muitas descobertas que dela decorreram. O tema do Educativo que já havia sido escolhido antes da crise sanitária global se mostrou mais que oportuno: *Vizinhanças*.

Tema que acabou por sintetizar o esforço do BDMG Cultural em se avizinhar, se aproximar de mais artistas, de mais diversidade, de mais gente. O online, a despeito do excesso de oferta, acelerou participações de todo canto do estado e foi a plataforma da maioria das viagens. Os editais e prêmios foram se ajustando ao período de emergência, se aproximando de formatos híbridos, a cultura mostrou sua força para refletir e reconstruir um novo tempo. A vida seguiu, com a força de um rio.

Foram dois anos intensos, navegando Minas adentro, em diferentes direções. Apoiando também artistas e público em suas navegações internas. Muitos embarcaram para experimentar e construir suas próprias rotas artísticas, a partir do compartilhamento de conhecimentos, do trabalho coletivo. Outros muitos puderam compartilhar conosco pela primeira vez saberes e oportunidades.

18

“Durante a pandemia, tenho visto várias ações para buscar diálogo, isso é muito importante. Foi feita até uma mostra sobre a discussão que ficou escancarada na pandemia: a violência doméstica. O BDMG Cultural busca mostrar a realidade atual para o público e trazer para o debate, para a discussão.”

JÚNIA ORDONES,
conselheira do BDMG Cultural.



“O BDMG Cultural vem demonstrar por meio deste relatório sua relevante atuação no fomento, valorização e incentivo à pesquisa e desenvolvimento de processos artísticos e manifestações culturais em Minas Gerais. Os incansáveis esforços na reestruturação interna, governança e comunicação do BDMG Cultural, bem como a conexão das atividades do Instituto aos ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável), permitiram enfrentar os desafios nada triviais que a pandemia trouxe ao cotidiano de toda sociedade.”

ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS,
conselheiro do BDMG Cultural.



“Em 2020, consegui visitar a galeria por meio do site e não foi uma coisa dura, foi uma experiência boa, tinha construção de texto, videoarte... Me senti podendo visitar e reencontrar o BDMG Cultural.”

JOÃO EDUARDO FARIA NETO,
conselheiro do BDMG Cultural.



“Em 2020, BDMG e BDMG Cultural ressignificaram seus objetivos diante de uma pandemia sem precedentes. Juntos, mostraram capacidade de adaptação para que a agenda de projetos perseverasse. E esta tenacidade nos mostrou o quanto, em momentos complexos, o poder da arte e da cultura é capaz de se afirmar como indispensável à vida em sociedade, sobretudo ao desenvolvimento das comunidades e ao nosso próprio (re)encontro como seres humanos.”

MARIA LÍGIA DUTRA,
conselheira do BDMG Cultural.



“Sorrio para as pequenas ousadias que têm acontecido: estética, com a escolha da curadoria, programação e seleção de artistas, com temas que pautam os cursos e atividades virtuais, uma dose de inconformismo.”

FABRÍCIO SANTOS,
Agência Árvore,
parceira do BDMG Cultural.



“Em 2020, testamos formatos, pensamos em públicos diferentes, fazendo conexões com escolas públicas, educadores populares e com o centro cultural. Testar, errar, voltar atrás: existe comprometimento da instituição. Foi um ano experimental.”

VÍTOR LAGOEIRO,
do coletivo Micrópolis.



CIDADES ALCANÇADAS

- 1. Alto do Rio Doce
- 2. Belo Horizonte
- 3. Betim
- 4. Brumadinho
- 5. Contagem
- 6. Governador Valadares
- 7. Januária
- 8. Juiz de Fora
- 9. Lagoa Santa
- 10. Muriaé
- 11. Nova Lima
- 12. Ouro Branco
- 13. Ouro Preto
- 14. Pará de Minas
- 15. Poços de Caldas
- 16. Pouso Alegre
- 17. Sabará
- 18. Santa Luzia
- 19. São João Del Rei
- 20. Sete Lagoas
- 21. Tiradentes
- 22. Tocoíós de Minas
- 23. Uberlândia



NÚMEROS 2019 / 2020

—
142

artistas apoiados nos
diversos programas

—
27

projetos patrocinados

—
23

idades mineiras
representadas (em 9 regiões)

—
PORTAL DE CONTEÚDO

113.746 usuários (março a nov/2020)

—
REDES SOCIAIS

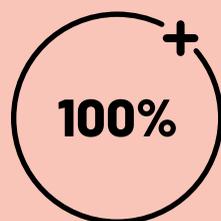
Aumento de mais de 100%
de seguidores em 2020

Instagram: 6600 seguidores (dez/20)

Youtube: 1550 inscritos (dez/20)

—
MÍDIA

520 citações em mídia
(jan a nov/20)



PRODUTOS COMPARTILHADOS COM O PÚBLICO:



20 videoaulas

7 vídeos do Coral BDMG

4 oficinas do
Programa Educativo



8 shows / recitais

12 exposições

(entre presenciais e virtuais)

5 publicações



12 podcasts (Spotify e site)

3 playlists (Spotify e site)

4 edições REVISTA BDMG Cultural



LAB
CULTURAL

Site Lab Cultural

AÇÕES REALIZADAS

NOVIDADES

PORTAL DE CONTEÚDO DO BDMG CULTURAL

O portal de conteúdos do BDMG Cultural busca compartilhar conteúdos e conhecimento em diversas formas e linguagens.

REVISTA BDMG CULTURAL

Lançada em 2020, a Revista tem a intenção de coletar e compartilhar histórias contemporâneas da cultura, aprofundando e refletindo manifestações culturais, artistas, movimentos e cidades de Minas Gerais. Cada edição temática traz entrevistas, ensaios e reportagens sobre temas.

Nº 1: A memória e o contemporâneo

Fevereiro de 2020

Nº 2: Trânsito entre mundos

Junho de 2020

Nº 3: Coletivos e Coleções

Novembro de 2020

Nº Especial: Lígia e Amílcar

Dezembro de 2020

Disponível no portal de conteúdo do BDMG Cultural.



“Por meio dos projetos, vejo novos modelos, transparência, financiamento mais descentralizado. É um exercício nesse sentido, mais ações que ficam, um site muito importante que virou um portal, diminuindo a dispersão.”

FRANCISCA CAPORALI,
do JA.CA - Centro de Arte & Tecnologia.

DA SÉRIE MACULATURAS – ACERVO
PARTICULAR DE LOTUS LOBO
Presente na Revista Nº 1:
A memória e o contemporâneo



FOLIA DE REIS (2000), ACRÍLICA
SOBRE TELA DE JOSÉ ASSUNÇÃO.
Obra do Acervo BDMG Cultural.
Registro: Larissa D'arc.

ACERVO DE ARTES VISUAIS

O acervo artístico do BDMG Cultural reúne mais de 255 obras que refletem a história e as múltiplas facetas da produção artística contemporânea mineira. Formado principalmente por doações de artistas que expuseram na Galeria do Instituto, desde 1980, conta com um eclético conjunto de linguagens e artistas em diversos momentos da carreira.

Disponível para visualização e fruição, para pesquisadores e interessados.

ACERVO DA BIBLIOTECA

Em sua trajetória, o BDMG Cultural promoveu importantes debates, seminários e produziu publicações sobre assuntos relacionados à cultura, arte, democracia, desenvolvimento, cidades, história, entre outros.

Grande parte deste acervo, em permanente construção, está disponível para o público no site do BDMG Cultural, tornando possível o compartilhamento de conteúdo e a produção de conhecimento.

“São todos textos que nos desassossegam numa certa medida, que expõem dificuldades, preconceitos e intolerâncias do mundo contemporâneo. Mas temos certeza de que é só entendendo que há diversos mundos que precisam conviver que podemos aproveitar as potências criativas que as diferenças nos trazem.”

TRECHO DO EDITORIAL DA REVISTA BDMG CULTURAL,
2ª edição, sobre o tema Trânsito entre mundos.

RÁDIO BDMG CULTURAL

Disponível no portal de conteúdo do BDMG Cultural e também na plataforma Spotify, a Rádio BDMG Cultural apresenta uma coleção de *playlists* musicais e uma série de podcasts produzidos no âmbito de seu programa educativo, para compartilhar conteúdos e obras com todos os interessados.

PRÊMIO
MARCO ANTÔNIO
ARAÚJO

BDMG
INSTRUMENTAL

CAPAS DAS PLAYLISTS DOS PRÊMIOS MARCO
ANTÔNIO ARAÚJO E BDMG INSTRUMENTAL.

IMAGENS EXTRAÍDAS DAS VIDEOAULAS:

Curso de roteiro e pesquisa para cinema documental, de Felipe Canêdo Figueiredo e Cenografia e Economia Criativa de Camila Carvalho da Mata Napoli.

28



“De uma maneira geral, baseado nas impressões do público, eu consegui alcançar o que eu busquei que foi apresentar como o diálogo entre as artes visuais e a história, o que é muito importante para gente compreender o nosso processo de formação cultural e esses processos que aconteceram nas últimas décadas. Compreender também a importância da imaginação cultural para nossa formação política, cultural e estética.”

DAVI AROEIRA KACOWICZ,

contemplado no Edital Redes de Conhecimento.

EDITAL REDES DE CONHECIMENTO

Lançado em abril de 2020, o edital abriu oportunidade para que profissionais do setor cultural de Minas Gerais oferecessem atividades formativas online, durante os meses de abril e maio de 2020. A iniciativa foi uma resposta ao primeiro momento da pandemia, para remunerar pessoas ligadas à cadeia produtiva da cultura, residentes em Minas Gerais, além de criar possibilidades de produção e ampliação de conhecimento. O edital contemplou gestores culturais, técnicos da cultura, designers, escritores, fotógrafos e videomakers, historiadores e antropólogos, além de artistas das artes visuais, artes cênicas, dança e música.

CONTEMPLADXS:

Gestão cultural

- Fyka Ryca Favelinha, por Kdu dos Anjos
- Leis de incentivo: existe luz no fim da pandemia?, por Leonardo Beltrão
- Afro-patrimônio e a construção de uma cidade segregada, por Mauro Luiz da Silva

Artes visuais, artes cênicas, dança e música

- Composição coreográfica, por Cyntia Brito Reyder
- Oficina de colagem analógica, por Gustavo Mateus Gontijo
- Viola e Evolução, por Caetano Brasil
- Viola caipira, por José Helder
- Canto e Expressividade, por Livia Itaborahy
- Como fazer um desenho animado, por Paula Resende
- Curso Diretoras Mineiras: Uma História Presente, por Raquel Castro
- Muralismo Caseiro, por Saulo Pico

Técnicas da cultura

- Cenografia e Economia Criativa, por Camila Buzelin
- Laboratório de maquiagem teatral e audiovisual, por Gabriela Dominguez

Literatura

- Laboratório de Poemas, por Renato Negrão
- Como nascem as girafas? Ideias para jovens que querem começar a escrever literatura, por Denis Leandro Francisco

Design

- Designer na web para não designer, por Marcelo Santiago

Fotografia e audiovisual

- Foto, vídeo & celular, por Mirela Persichini
- Roteiro e pesquisa para cinema documental, por Felipe Canêdo Figueiredo

História e Antropologia

- Desenhar, observar, conhecer/aproximações ao desenho etnográfico, por Jeferson Carvalho da Silva
- Brasil: História E Arte Das Décadas De 1950-60, por Davi Aroeira Kacowicz

20 videoaulas foram selecionadas e produzidas e estão disponíveis no portal do BDMG Cultural.

29

EDITAL LAB CULTURAL

O programa de valorização e incentivo à pesquisa e desenvolvimento de processos artísticos e culturais em Minas Gerais abriu três editais de bolsas nas áreas de Artes Cênicas, Artes Visuais e Música e Experimentação Sonora, para contemplar um total de 30 bolsistas, culminando no compartilhamento de conhecimento. Os projetos selecionados contaram com a tutela de profissionais das três áreas: a atriz, diretora e dramaturga Grace Passô foi a tutora de Artes Cênicas; a curadora, pesquisadora e crítica de arte Júlia Rebouças foi a tutora pela área de Artes Visuais; e o compositor e músico Rafael Martini foi o tutor da área de Música e Experimentação Sonora. A tutoria do LAB Cultural contou também com a assistência de Nina Bittencourt (Artes Cênicas), Melissa Rocha e Raylander Mártis (Artes Visuais) e Déa Trancoso e Felipe José (Música e Experimentação sonora).

As comissões de seleção olharam atentamente para a representatividade e o equilíbrio na participação de homens, mulheres e negros/as, em um esforço de inclusão, descentralização e interdisciplinaridade.

ARTES CÊNICAS

Artistas selecionadxs: Aisha Brunno, Brisa Marques, Éle Fernandes, Fredda Amorim, Luana Vitra, Lucas Gonçalves, Marcelo Veronez, Priscila Natany, Rafael da Costa, Raysner de Paula.

ARTES VISUAIS

Artistas selecionadxs: Alisson Damasceno, Bárbara Bija, Desali, Efe Godoy, Ítalo Almeida, Larissa Freitas, Matheus de Simone, Maya Quilolo, Priscila Rezende, Terra Assunção.

MÚSICA E EXPERIMENTAÇÃO SONORA

Artistas selecionadxs: Estevan Barbosa, Gil Amâncio, Heberte Almeida, Johnny Herno, Maria Anália, Natália Mitre, Ohana Santana, Patrícia Bizzotto, Titane, Yuri Vellasco.



CARTAZ DE DIBULGAÇÃO DO PROGRAMA LAB CULTURAL (DETALHE)



“Não existe arte sem pesquisa. Qualquer expressão artística necessita profundamente de um espaço de experimentação, de reflexão, de estudo e de vasculhamento. Em um mundo que cultiva valores de consumo e valores imediatistas, o lugar da pesquisa é o que garante um processo de decantação e de reflexão mais profunda das criações.”

GRACE PASSÔ,
tutora de Artes Cênicas do programa LAB Cultural



“...o LAB Cultural contribui decisivamente para o incremento da cena artística atual, mas também estimula que sejam repensados os mecanismos de estímulo e suporte à produção cultural. Pensar de forma colaborativa, integrada e transdisciplinar, nesse sentido, é um exercício rico que amplia as possibilidades de atuação das áreas, reconhecendo as especificidades de cada manifestação artística.”

JÚLIA REBOUÇAS,
tutora de Artes Visuais do programa LAB Cultural



“... O LAB Cultural potencializa a geração de pensamento e instrumentaliza os artistas para criarem com mais consciência e, por isso, correndo mais riscos, realizando uma arte de invenção, instigando-os a se pautar menos na reprodução de modelos geralmente aceitos sem reflexão.”

RAFAEL MARTINI,
tutor de Música e Experimentação Sonora do programa LAB Cultural



“O Lab Cultural atua, torna-se cúmplice, do momento deflagrador da produção artística e não apenas do momento de apresentação ao público dos trabalhos já prontos como produtos artísticos consolidados. (...) Esta iniciativa, se cultivada, colocará a produção artística, a gestão da arte e da cultura no estado em outro patamar, mais rico, independente e relevante nas suas relações com a produção artística de outros lugares.”

TITANE,
participante do LAB Cultural na área de Música e Experimentação Sonora



“Eu, mulher, preta, periférica, artista, moradora de uma periferia de Betim poder fazer parte deste projeto já é uma transformação gigantesca, comprar um notebook para eu poder realizar meus projetos e também registrar a oralidade de mulheres com quem eu venho conversando e a contribuição que elas tiveram para a cultura de Minas Gerais.”

ÉLE FERNANDES,
participante do LAB Cultural na área de Artes Cênicas

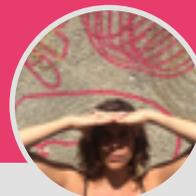


“O encontro com artistas, com músicos, poder trocar essas informações e discutir esses temas coletivamente, ter uma tutoria que nos provoca o tempo todo nesse fazer e pensar... isso tem me ajudado a ampliar as minhas reflexões. O que eu espero é que esse material possibilite a gente a pensar outras formas de se ensinar música e de se fazer música, tendo como referência outros modos, que são as culturas afrodiaspóricas.”

GIL AMÂNCIO,
participante do LAB Cultural na área de Música e Experimentação Sonora

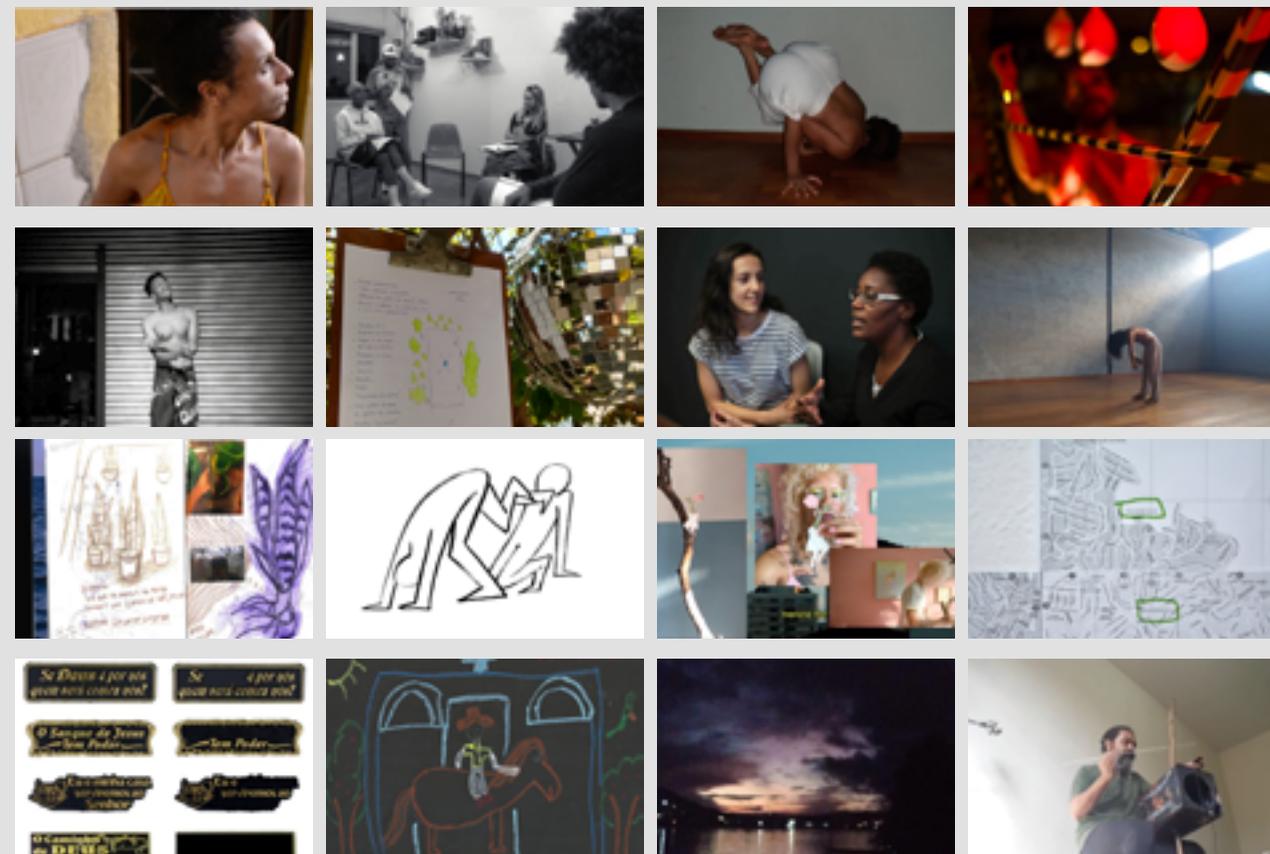
“Gente! Meu sistema foi completamente alterado. Na medida em que comecei a pensar que eu poderia alimentar uma pesquisa, alimentar os meus processos de leitura, de exercício mental com outras pessoas, porque a gente se encontra, a gente conversa muito sobre o que a gente está fazendo e isso é lindo dentro da pesquisa... Eu adoro a ideia de legado, de deixar as coisas registradas (...) Se não for uma instituição para fazer com que essas ideias permaneçam em palavra para serem consultadas depois, isso vai para onde? Que bom que existe esse movimento de reunião desses pensamentos em tempo real porque isso é muito interessante mesmo. O que será que meus pais teriam feito se eles tivessem a oportunidade de um tempo de pesquisa, fomentado por uma instituição? Eu não sei, mas eu queria saber...”

EFE GODOY,
participante do LAB Cultural na área de Artes Visuais.



“A arte para mim é em si uma possibilidade de existência e é fundamental que a gente comece a olhar para a arte com o olhar ampliado, não só na nossa cidade, nosso estado, nosso país. É importante que a gente encontre esses espaços para que a arte exista dentro de nós, para que a gente invente formas possíveis de existência, já que vivemos numa sociedade tão dura, tão violenta, tão opressora...”

BRISA MARQUES,
participante do LAB Cultural na área de Artes Cênicas



PROJETOS DE PESQUISA DESENVOLVIDOS DURANTE O PROGRAMA LAB CULTURAL
Disponível em bdmgcultural.mg.gov.br/lab

PROGRAMA EDUCATIVO TEMA 2020 - VIZINHANÇAS

Idealizado em 2019, em imersão conjunta entre BDMG Cultural e Micrópolis, o programa educativo foi desenhado para privilegiar seu caráter público, promover conexões entre modos de vida, para ser praticado em diferentes escalas e feito a muitas mãos.

Sua primeira ação se deu na reformulação do espaço físico do BDMG Cultural e na produção de uma “família de mobiliários” que traduzisse uma abertura da instituição para a cidade e para abrigar atividades diversas, planejadas ou espontâneas. Uma metáfora física para um desejo interno. A segunda proposição foi pensar na articulação das ações previstas para 2020 sob um mesmo tema, como forma de costurar o programa educativo com o objetivo institucional. O tema escolhido - Vizinhanças - parecia prever a pandemia vivida em 2020.

Explorando o assunto, 4 ciclos foram propostos e executados em 2020, todos pautados na tríade Ação - Diálogo - Reflexão, gerando uma série de reflexões e de conteúdos que podem ser encontrados no portal do BDMG Cultural.

“De um ponto de vista geográfico, uma vizinhança evoca a contiguidade das casas, das ruas e das pessoas, uma proximidade espacial essencial para a constituição da experiência coletiva. Mas também implica em um gesto de aproximação: avizinhar-se é tentar tornar possível uma vida em comum, reconhecendo a importância das distâncias necessárias. Ao articular essa temática com as questões, projetos, discussões e pessoas envolvidos na programação do BDMG Cultural, buscamos estabelecer gestos de aproximação, lugares de compartilhamento e possibilidades de coexistência por meio do programa educativo.”

GABRIELA MOULIN,

no texto “O que as instituições podem fazer agora?”, publicado no portal BDMG Cultural.

“Nas iniciativas formativas nesse período e que geraram produtos poéticos e processos de escrita, o BDMG Cultural estendeu a mão para pessoas experimentarem sensibilidade em um período importante. O digital permitiu descentralização territorial maior. Descobriu que pode ser mais relevante para o interior do estado do que imaginava.”

FABRICIO SANTOS,
jornalista.

JANELAS ABERTAS
LUIZA THEREZO, 2020
Imagem utilizada para capa
da publicação resultado
da oficina do ciclo 02



CICLO 1: VIZINHANÇAS E IMAGENS FEV A ABRIL 2020

Oficina Expedição Fotográfica:
Aarão Reis, uma arqueologia. Com Coletivo Mofo

Podcasts com mediação de Aline Villa Real
e participação de Aline Motta, Guilherme Cunha e Gabriel Martins

Texto crítico de Micrópolis

**FOTOGRAFIA ESTEREOSCÓPICA,
SOBREPONDO IMAGENS DO
PASSADO E DO PRESENTE**
Produzida por Aline Motta
durante suas pesquisas.



“A gente acha fundamental refletir, porque muitas vezes esses personagens periféricos foram historicamente vistos de uma forma meio científica, de uma forma meio distanciada, como se eles precisassem ser analisados como um objeto de estudo... e no nosso caso, quando a gente traz esses personagens para um lugar mais subjetivo, eu acho que a gente consegue ver mais complexidades dentro desse ritmo cotidiano, dentro dessa coisa que se perde. Eu sinto que a nossa sociedade hoje perdeu um certo tato... O Covid provocou um isolamento social, físico, mas eu acho que mesmo se encontrando as pessoas já estavam isoladas do ponto de vista simbólico.”

GABRIEL MARTINS,
da Filme de Plástico, de Contagem,
no podcast 03 do Programa Educativo.



“As imagens estão por toda parte. Somos diariamente bombardeados por elas, desde o primeiro meme que chega via Whatsapp logo de manhã até o noticiário noturno na TV. Quando ligadas aos circuitos midiáticos, essas imagens, sem nos darmos conta, condicionam a forma como entendemos o mundo e nos fazem pensar que aquilo que vemos é a mais pura e única verdade sobre o que é representado. Mas o que a prática de artistas e grupos como Aline Motta, Retratisas do Morro, Filmes de Plástico e Mofo nos faz pensar é que existem, de fato, muitas formas diferentes de olhar para as mesmas coisas.”

COLETIVO MICRÓPOLIS,
em texto de reflexão para o Ciclo 01
do Programa Educativo.



“A gente percebe que é muito importante o esforço de trabalhar a construção de modelos de historicidade esféricos, circulares, onde os diversos pontos de vista, diversas produções imagéticas encontrem espaço de diálogo e as diversas narrativas que essas imagens carregam possam fazer parte da narrativa histórica que define o que é o simbólico, o que é a subjetividade dos nossos artistas, dos nossos fotógrafos, das pessoas que produzem imagem no Brasil.”

GUILHERME CUNHA,
do projeto “Retratistas do Morro”,
no podcast 02 do Programa Educativo.

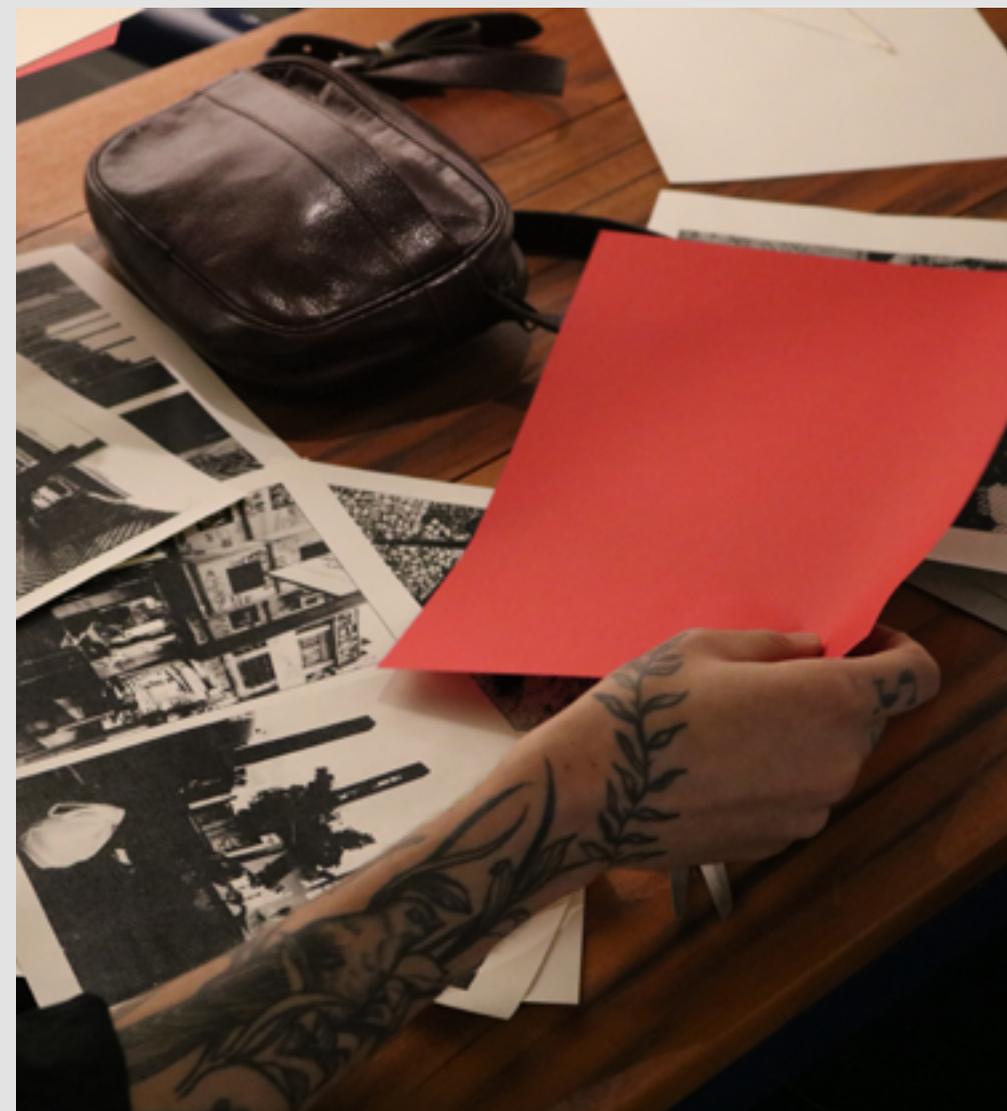


“... Quanto mais a gente ficcionaliza, mais estamos falando a verdade. Parece que quanto mais a gente leva as coisas para o campo da ficção, mais verdadeiro isso fica. E a gente pode usar essas palavras como verdadeiro, real, para falar das nossas vidas.”

ALINE MOTTA,
no podcast 01 do Programa Educativo.



PARTICIPANTES DA OFICINA "EXPEDIÇÃO FOTOGRÁFICA" NA RUA AARÃO REIS.
Fotografia: Paulo Proença



PRODUÇÃO DE FANZINES NA GALERIA BDMG CULTURAL
Fotografia: Paulo Proença

CICLO 2: VIZINHANÇAS E LINGUAGEM MAIO A JUNHO 2020

Oficina "Nenhuma Casa é uma Ilha":
escrita criativa. Com Flávia Peret

Podcasts com mediação de Renata Marquez e participação
de Jonathas de Andrade, Sueli Maxakali e Bernardo Esteves

Texto crítico de Renata Marquez

CENA DE RITUAL MAXAKALI
Filmada por Sueli e Isael Maxakali



“Em uns projetos mais do que em outros, eu uso a ambiguidade como uma ferramenta que eu adoro, porque na verdade ela estimula uma leitura plural dos projetos. Poder pensar que o projeto é sobre uma coisa ou sobre outra é tanto arriscado quanto potente, pensando que os projetos artísticos, de fotografias, de filmes, eles devem promover debate, eles têm que ter um potencial pedagógico eles mesmos. Um filme como ‘Jogos dirigidos’ tem que fazer sentido para a comunidade, mas também para quem vai ver de fora daquela comunidade, quem vai ver no museu, no cinema... Como é que isso chacoalha? E de que forma isso desafia nossa leitura de mundo?”

JONATHAS ANDRADE,
no podcast 04 do Programa Educativo.



“O cinema é essa forma mesmo de entender que a imagem significa duas falas, porque para nós, na nossa língua, quando você fala koxuk é espírito e ao mesmo tempo cinema. Por isso que é importante para nós o cinema, quando mostra a realidade. Para nós, a tecnologia veio para mostrar o mundo nosso do povo Maxakali, nosso direito, o território também.”

SUELI MAXACALI,
no podcast 05 do Programa Educativo.



“As ciências e as artes são complementares, como irmãs gêmeas. São, no fundo, vertentes diferentes dessa grande aventura intelectual humana no planeta. Tento, na medida do possível, promover essa visão com o meu trabalho, de alguma forma, derrubar o muro que muitos ainda mantêm erguido entre as ciências naturais e as humanidades, entre as ciências e as artes. (...) É relativamente comum uma visão que enxerga a ciência como oposta ou como superior a outros sistemas de conhecimento.”

BERNARDO ESTEVES,
no podcast 06 do Programa Educativo.

Esses dias #lenta #conversa

Jefferson Carvalho
Foto: Rio de Janeiro - RJ

A casa da Dalva não é longe da sua, e o alface de outro dia estava muito gostosa. Maria desce a rua com seus pés vacilantes, desviando vez ou outra dos buracos no chão. O sol morno das nove horas, nas raras vezes em que surge por trás de uma nuvem, tenta em vão aquecer as pedras da calçada. **1** O diâmetro da máscara aperta suas orelhas e a costura coça a bochecha. **Até quando a gente vai ter que usar isso!**, pensa, parando em frente ao poste de energia que marca a entrada da casa de Dalva. **2** Maria desce a escada ligente que leva até a parte baixa do terreno, passando pela porta. **É Dalva, tem alface hoje!** Grita, anunciando sua presença. Cravos, roseiras e uma infinidade de outras flores que Maria não sabe o nome se misturam aos pés de marjorim, alecrim, cebolinha. A hora da visita é mesmo uma beleza, muito bem cuidada, que **Deus o guarde, pra não deixar mal de olhoado.** **3** A mulher aparece na porta da casa, rodeada por galhos e folhas. **Rom dia, Maria!** Tem sim esse cheiro de tão bonita ainda, olho que belez! **4** As duas trocam algumas palavras enquanto Dalva corta as cabeças de alface com uma faca pequena. **Em toda minha vida eu nunca vi um negócio desse, mas aqui parece que tá até tranquilo, só tem um caso, né... O ruim mesmo é não poder trabalhar.** **5** **É, mas a gente tem que tomar cuidado, nunca se sabe... Lá em casa a gente não tá saindo pra nada, só pra comprar o que precisa mesmo.** **6** Não pode bobear, não. **Cê quer um pouco de cebolinha também?** Maria aceita e as duas conversam enquanto as folhas de cebolinha enchem a sacola junto das cabeças de alface - falam da vida, dos parentes, das plantas. **Sempre que você puder, dá preferência pra mim, não tem nada disso nos dias.** Ela paga o vizinho e as duas se despedem. Os pés de Maria retomam para casa, os passos no chão seguem o mesmo ritmo que a fala da vizinha ecoando em seus pensamentos, **não tem nada fácil esses dias.**

Ilustração:
Jefferson Carvalho, 2020.



Abafado #costura #máscara

Juliano Mattos
Foto: Rio de Janeiro - RJ

Lurdês parada no ponto de ônibus olha o celular. No grupo das amigas **1** "novo remédio pode ser a cura para o coronavírus". Primeiro pensa: "graça a deus". Logo após, pondera se é fake news. O ônibus chega. Ela pensa "nem fofendo vou conseguir ficar a um metro de distância de alguém, mas já esperi que uma hora". Encara o ônibus cheio. Esbarrar em meia dúzia de pessoas. Sai de sua boca um "ops, desculpa" abafado pela máscara. **2** Ao descer do ônibus vai até a associação de moradores. Na porta encontra Luana, neta da Maria, que está distribuindo máscaras e doações pelos bicos. "Boa Tarde, D. Lurdês, nessa sacola tem algumas fotos, álcool, sabão e mais tecido para confecção das máscaras". Lurdês entrega as máscaras feitas pela filha no dia anterior, diz para Luana se cuidar e mandar lembranças pra vó. Luana retribui o carinho dizendo para qualquer coisa mandar uma mensagem. Diz, ainda, que os moradores se estão aderindo a máscaras. Elas se despedem. Novamente o som abafado pela máscara. No caminho de casa, Lurdês torce para ter água que dê para o banho. **3** Chega em casa. Todos os filhos e o neto estão na sala, a mãe volta junta da máquina de costurar cheia ao ver os tecidos que servirá para novas máscaras e as doações recebidas pela mãe. Pensa que com as frutas talvez consiga fazer a vitamina famosa que viu na TV. Todos dizem ser boa para imunidade. Nenhum abraça até que se lave, limpe as doações, a máscara, o sapato e a roupa, até que o cheiro do cloro chegue antes do alface. Lurdês se deixa sem poder fumar seu cigarro de sempre. Dizem que fumar é fator de risco, como se todos os outros já não fossem. Mulher, nigra, moradora de favela. Cabaia e celular para despertar, aparece no visor "quatro horas até o horário definido".

Foto:
Fábio/Papo Reto, 2020.



Hoje não li notícias, mas falei com a Flávia #fun #conversa

Juliano Mattos
Foto: Rio de Janeiro - RJ

Acordo com um copo cheio de formigas e uma colher dentro, do lado da cama. Percebo que apaguei na noite anterior. Doidera! Não devia estar tão cansada, nem sai de casa. Ontem, na conversa com a Mana, percebi que ainda era terça-feira, ou seja, apenas um dia e meio de isolamento e já parece um mês. Bizarro o tamanho das coisas e sua cronologia distorcida quando não vamos ao bar, não pegamos metrô, nem focificamos com as amigas. **1** Saialdade da rotina de domingo, de passar pelo asilo aqui da rua e papear um pouco com as velhinhas que tomam sol na calçada, comer pastel e pagar provisões de várias feiras. **2** Hoje não liquei para minha vó. A cada dia tenho tido mais medo disso -

Foto:
Caminhada pela feira da Glória em março, Juljanna Mattos, 2020.



La Mani y La Agustina #escoda #refeto

Luiza Therezo
Foto: Belo Horizonte - MG

Grácia é o bairro dos boêmios, dos jovens e dos artistas em Beloceba. É também onde vive Agustina, uma senhora de 65 anos. Aposentada e viúva, Agustina vive só. Não completamente: lhe fazera alguma companhia Raphael, sua tartaruga de 40 anos e Nadia, a vizinha da porta da frente. Apesar da diferença de mais de seis décadas, as duas já vinham construindo uma tímida amizade dividindo o corredor do terceiro andar. **1** A pandemia chegou com ela o Estado de Alarame. O borbulhar constante da rua deu lugar ao silêncio, que era quebrado vez ou outra pelas sirenes das ambulâncias. Um dia, Nadia estava tomando banho, era uma das primeiras manhãs do isolamento, quando escutou o tinitar das chaves e o passo lento que descia as escadas. Por sorte, tentou o suficiente pra que ela se secasse, se vestisse e ainda chegasse a tempo de encontrar uma Agustina maquiada, de óculos escuros e com o carrinho de compras se preparando pra descer o segundo lance de escadas. "Vai aí onde, Dona Agustina?" "Vou fazer compras e depois tomar um café." Agustina não tem televisão e não recebe muitos telefonemas. Coube à Nadia a difícil tarefa de tentar colocar em palavras, ali no meio das escadas, que o café está fechado e que o mundo talvez já não seja o mesmo. **2** No início, Nadia teve que parar de escutar música pra poder ficar atenta às eventuais tentativas de fuga de Agustina, ò senhora pra ser seimosa! "É que eu preciso comprar cigarros. E se ficou um dia sem passar no bar de baixo pra tomar café, os garçons ficam achando que morri." "Mas o bicho, Agustina. O bicho está na rua, lembra?" **3** La Nani, como começou a ser chamada carinhosamente, se encarnçou a partir de lá de fazer as compras das tarrafas, dos cigarros e do que mais fizesse falta. Também passou a fazer às vezes de noticiária e informar diariamente os últimos acontecimentos. Até ensinar Agustina a enrolar um cigarro de tabaco, Nadia ensinou Agustina se maquiando os dias para os encontros no corredor. As duas ficam separadas por apenas dois metros

Foto:
Raquel Med, 2020.

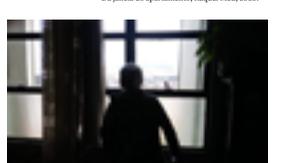


O ritual #janela #ritual

Raquel Med
Foto: Belo Horizonte - MG

Tudo dia, às 19 horas, diversas moradores do prédio chegam à janela dos seus apartamentos. Isso começou meio por acaso, na verdade, era pra ser uma atividade temporária. Sei porque li em um cartaz pregado na entrada do edifício. Lá informa que a ação é prorrogada: "Deixado aos pedidos. Faremos todos os dias". E assim tem sido. Sempre muito pontuais. É um encontro para rezas. Tudo muito rápido: um Pai Nosso, uma Ave Maria. Alguns dias há música, outros não. No final, sempre se pede oração às palmas. Aos poucos, começou a aguardar esse momento. Não sou religiosa, mas esperava pelo movimento das janelas: cortinas abertas, luzes acesas e habitantes mostrando os seus rostos. Foi assim que descobri ainda meiam algumas pessoas que sempre encontrarei por acaso, na portaria, no elevador ou na entrada do prédio. Como uma senhora alta e ruiva, muito educada e elegante, às vezes nos vemos pelos corredores da entrada. Trocamos sorrisos, apenas. Sei que é só, mas não sei bem quem são seus netinhos. A vó com os pequenos uma vez, mas não guardei as fisionomias. No prédio, há muitas crianças. Nesse encontro das 19horas descobri que essa vizinha mora no andar acima do meu. Nos cumprimentamos com acenos pela janela. Outra família que também pode localizar é a do Antônio. Antônio tem 4 anos. Ele é muito esperto e gosta de conversar com as pessoas no elevador. Sempre o vejo com a mãe e, às vezes, com a avó. Mamam todos juntos. Sei o nome do Antônio, mas não sei o nome de mais ninguém da família dele. Na verdade já soube, mas esqueci. Ficou apenas o do Antônio. Uma vez a avó dele me disse: as pessoas conhecem o Antônio bem mais do que a gente. Um dia, às 19 horas, descobri que me am no azo. **1** E assim, os dias vem se seguindo com outras pequenas descobertas, como a surpresa ao ver um cachorrinho no 302. As sete da noite é um horário guardado. Na verdade, até me oriento por ele: ah, sim, são 19 horas. Um dia levei minha mãe idosa à janela. Foi o evento do dia. Uma pena que daquela vez foi tudo tão rápido. Praticamente che-

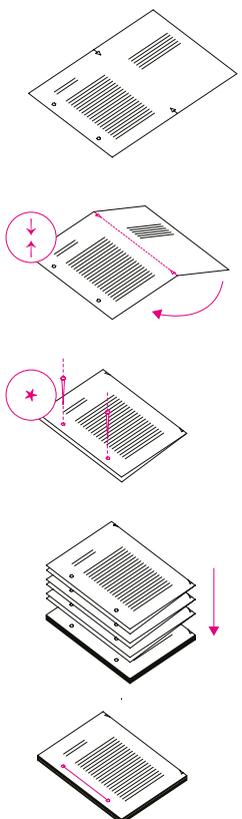
Foto:
Da janela do apartamento, Raquel Med, 2020.



PÁGINAS DA PUBLICAÇÃO RESULTADO DA OFICINA "NENHUMA CASA É UMA ILHA"
Disponível para download no portal BDMG Cultural

Monte seu próprio livro!

1. Após baixar a versão para impressão no site do educativo do BDMG Cultural, imprima as páginas do arquivo, usando apenas uma das faces do papel (não imprima em modo frente e verso).
2. Dobre o papel impresso ao meio, seguindo a indicação das setas.
3. Faça furos para encadernação nos locais indicados pela estrela (Use um furador, uma tesoura, uma agulha...).
4. Após furar cada papel, reúna-os na ordem desejada.
5. Costure, amarre ou use um grampo prendedor para finalizar a encadernação.



Esta publicação foi resultado da oficina “Nenhuma casa é uma ilha”, realizada pela escritora Flávia Péret, no contexto do ciclo “Vizinhanças e linguagem” do programa educativo do BDMG Cultural, uma parceria entre BDMG Cultural e Micrópolis, em maio de 2020.

Ela está disponível sob a seguinte licença Creative Commons: CC BY-NC-ND 3.0, que permite seu compartilhamento, atribuído do crédito aos autores, sem fins comerciais.

CICLO 3: VIZINHANÇAS E DIFERENÇAS JULHO A AGOSTO 2020

Oficina do outro lado: experimentações e trocas videográficas pelo celular. Com Dayane Tropicais

Podcasts com mediação de Tatiana Carvalho Costa e participação de Helena Vieira, Benjamin Serroussi e Cida Moura

Texto crítico de Micrópolis

ACERVO CASA DO POVO
2020



“Como afirmar a diferença sem promover a fragmentação? Como construir essas formas de coabitação? A primeira coisa é que a gente precisa produzir uma destruição dos ideais românticos das práticas de reconhecimento. A modernidade estabeleceu para nós que os laços entre as pessoas precisam ser ou românticos, ou de amizade ou que envolvem sempre um sentimento próximo do amor, uma espécie de prazer de estar junto. Eu acho que a gente precisa ir mais para um modelo ‘Vila do Chaves’, sabe? E que a gente possa inclusive odiar estar junto e que a gente possa inclusive brigar e que os conflitos sejam encarados não como um problema da nossa coabitação, mas como um tempero, no sentido de que os conflitos podem ser resolvidos entre nós, ali, dentro de laços muito específicos que nós constituímos.”

HELENA VIEIRA,
no podcast 07, do Ciclo 03 do Programa Educativo

“A gente trabalha muito a noção de comum. A gente brinca com essa ideia de comum. (...) Não gostamos de trabalhar com público alvo, a nossa ideia é que o público é uma construção, é um resultado. É um resultado dessas relações possíveis. E impossíveis. É nesses encontros de diferenças que nascem outros agenciamentos possíveis, é que inventam mesmo o que a gente chama de devires...”

BENJAMIN SERROUSSI,
da Casa do Povo, no podcast 08, do
Ciclo 03 do Programa Educativo.

“Quando minha necessidade me obrigou a entrar em uma ocupação, passei a conhecer muitas pessoas diferentes – desde indígenas a estrangeiros refugiados – e a perceber que eram todas iguais a mim: pais e mães de família que só estão querendo sobreviver dentro de um sistema que os exclui. Nas ocupações coexistem muitas pessoas e culturas diferentes. Mas uma ouve a outra, uma se preocupa com a outra e tenta melhorar a vida da outra.”

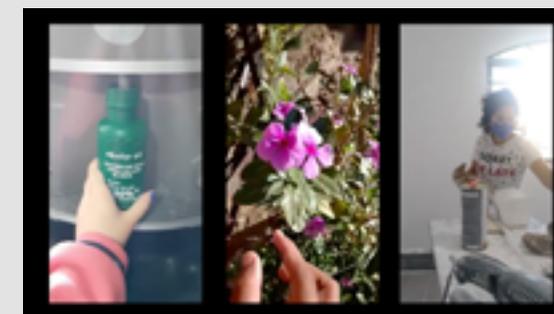
SELMA DE JESUS OLIVEIRA,
da Ocupação 9 de Julho em São Paulo, em texto produzido a partir da conversa com Micrópolis, como reflexão do Ciclo 03 do Programa Educativo.

“Siga a sua trilha de produção de conhecimento, mas não esqueça da sua vizinhança de origem, essa marca de origem, esse conhecimento de origem e também não se esqueça de compartilhar esse conhecimento. Não solte a mão do seu, da sua mãe, do seu vizinho, do seu avô, daquele saber tradicional da sua comunidade, porque isso é que vai fazer toda diferença no nosso processo de construção de solidariedades futuras. Isso é que é nosso ‘sankofa’ de hoje, volte e pegue, urgentemente.”

CIDA MOURA,
no podcast 09, do Ciclo 03
do Programa Educativo.



VIDEO RESULTADO DA OFICINA "DO OUTRO LADO:
EXPERIMENTAÇÕES E TROCAS VIDEOGRÁFICAS PELO CELULAR
Prints



CICLO 4: VIZINHANÇAS E COSMOS SETEMBRO A DEZEMBRO 2020

Oficina: Jogos de Outros Mundos - criação de jogos educativos sobre natureza e vizinhanças possíveis. Com coletivo Às Margens

Podcasts com mediação de Roberto Romero e participação de Ibã Huni Kuin, Carolina Levis e Isabel Casimira Gasparino – Rainha Belinha

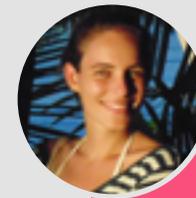
Texto crítico de Marcela Bertelli

DESENHO DE BANE HUNI KUIN



“Como a gente mora numa cidade grande e as plantas vão ficando cada vez mais extintas, são mais difíceis de serem cultivadas. Então, eu tenho que ter essas plantas, eu tenho para mim, mas se o meu irmão precisar eu tenho também, e nesse pensamento sobre o nosso entorno, nosso cinturão verde, nosso cinturão de ervas e plantas sagradas vai estar sempre atualizado, sempre à disposição um do outro (...). Isso aí é herança do nosso pessoal: cultivar a planta, porque as energias do universo passam pelas plantas, pela água, pelo ar, pelo rio, pelo mar, pelo céu, pelo universo, por dentro de nós. E essas plantas fazem o nosso significado, que é a nossa cura, é o nosso alimento e o alimento do nosso entorno também.”

ISABEL CASIMIRA GASPARINO, A RAINHA BELINHA,
no podcast 10, do Ciclo 04 do Programa Educativo.



“E na hora que você vai começar a pintar ele está te alimentando, você está sentindo, eu sinto porque a água é viva, a jiboia é mais, pássaro também canta ao teu lado, né? Tudo o que você sente pintando isso, cada vez mais brilhante, não para. Infinito esse brilho, movimento... Todos os traços que você está vendo é uma conversa do espírito, é a língua dele, a língua da Jiboia. Então todos usam verde, amarelo, preto, branco... pode fechar o olho (assim você sente), mas a luz chega e ela mostra isso. Então por isso que a gente mistura muito.”

IBÃ HUNI KUIN,
no podcast 11, do Ciclo 04 do Programa Educativo.



“Essa interação íntima que os povos da floresta têm com a biodiversidade, o conhecimento, as técnicas, as ferramentas são uma das chaves para um novo futuro que a gente pode vislumbrar, porque é um conhecimento milenar que foi passado de geração em geração sobre a maior riqueza que o Brasil tem que é a biodiversidade. Se a gente pensa que a biodiversidade é também sociobiodiversidade.”

CAROLINA LEVIS,
no podcast 12,
do Ciclo 04 do Programa Educativo.



MARIA DE JOÃO DE ALTA
Foto: Kika Antunes

“Os sertanejos veem seu entorno não apenas como um conjunto de recursos à disposição, mas como parte de seus próprios corpos e relações comunitárias. Vivemos em um contexto onde geralmente essa região brasileira – estendida geográfica e simbolicamente em direção ao norte e nordeste – é vista a partir de suas carências como a precariedade material, econômica e de acesso aos recursos públicos de saúde e mobilidade, ou seja, do que “lhes falta” ou do que “deveriam ser”. Ao mesmo tempo experimentamos que as respostas materiais e econômicas não sustentam nossas necessidades essenciais em consonância com a sobrevivência do mundo. Reconhecer as formas de subsistência, de cuidado, criação e invenção próprias das comunidades sertanejas, acompanhando, acolhendo e valorizando as diversas formas de sentir e de estar no mundo é parte necessária da ampliação de perspectivas e de respostas para nosso futuro comum.”

MARCELA BARTELLI,
em texto de reflexão sobre o Ciclo 04 do Programa Educativo.



JOGO RESULTADO DA OFICINA
“JOGOS DE OUTROS MUNDOS”
Coletivo Às Margens



CORAL BDMG

Desde sua fundação, o BDMG Cultural mantém o Coral BDMG, formado por funcionários do Banco e externos que se dedicam a um repertório eclético, tanto erudito quanto popular, com especial dedicação à música brasileira. O Coral é regido pelo maestro e professor Arnon Oliveira.

O Coral BDMG completou 30 anos em 2019 e em 2020 realizou gravações à distância e se apresentou virtualmente a partir de vídeos publicados nas redes sociais da instituição, com coralistas cantando juntos um amplo repertório que incluiu, entre outras obras, Tico-tico no Fubá (Zequinha de Abreu), Vagando (Paulinho Pedra Azul), Dia Branco (Geraldo Azevedo e Renato Rocha), Cantar (Godofredo Guedes) e Manuel, o Audaz (Fernando Brant e Toninho Horta).

CAPAS DOS DISCOS

Música disfarçada de gente, da dupla Guanduo, vencedores do Prêmio Marco Antônio Araújo 2020, e Remanso de Rio Largo, vencedor do prêmio Flávio Henrique 2020.



PRÊMIO FLÁVIO HENRIQUE 2019 E 2020

Dedicado a CDs autorais de canção brasileira e de produção independente, de cantoras e cantores mineiros ou residentes no estado, reconhece a produção e a pesquisa em torno da canção feita em Minas Gerais. O prêmio homenageia o artista mineiro Flávio Henrique, no intuito de preservar a sua inquietação artística e a sua dedicação à música.

Vencedora do Prêmio Flávio Henrique 2019:

Júlia Branco, com o álbum "Soltar os cavalos".

Vencedor do Prêmio Flávio Henrique 2020:

Celso Adolfo, com o álbum "Remanso de Rio Largo"



"O reconhecimento renova os ânimos, e ter o meu nome ligado ao nome de Flávio Henrique, por esta premiação criada pelo BDMG Cultural, é uma honra muito diferente que experimento agora. (...) Quando eu achava que o meu ano artístico de 2020 estava liquidado por causa do isolamento a que estamos submetidos (e que eu respeito integralmente), esta notícia me deu uma sacudida inacreditável. Ter ganhado o Prêmio Flávio Henrique, especialmente nas condições atuais, me ajudou (e como!) a ver que minha cabeça está fora d'água."

CELSO ADOLFO,

vencedor do Prêmio Flávio Henrique 2020.



"Ter meu disco escolhido entre as produções mineiras, sempre tão ricas e de alta qualidade, é realmente uma honra e uma alegria muito grandes. Espero que essa conquista inspire outros colegas, principalmente, as mulheres compositoras a levarem seus trabalhos adiante com a confiança de que, se quiserem, podem conquistar esses espaços também."

LUÍSA MITRE,

vencedora do Prêmio Marco Antônio Araújo 2019.



"A cena instrumental mineira é um expoente e cresce a braçadas. Minas Gerais é um berço de músicos inventivos e competentes! Deve ter alguma coisa nas nossas águas. Nos sentimos muito agraciados de reunir distintas gerações e perfis da produção instrumental nesse disco."

EDUARDO PINHEIRO, DO GUANDUO,

vencedor do Prêmio Marco Antônio Araújo 2020.



PRÊMIO MARCO ANTÔNIO ARAÚJO 2019 E 2020

Criado em 2004, reconhece o melhor CD de música autoral, instrumental e de produção independente do ano anterior à premiação. O prêmio homenageia o legado do músico mineiro Marco Antônio Araújo, compositor musical, violonista, guitarrista e violoncelista.

Vencedora do Prêmio Marco Antônio Araújo em 2019: **Luísa Mitre, pianista, com o CD "Oferenda".**

Vencedor do Prêmio Marco Antônio Araújo em 2020: **Guanduo, formado pelos músicos mineiros Juliano Camara e Eduardo Pinheiro, com o CD "Música Disfarçada de Gente".**

19º E 20º PRÊMIO BDMG INSTRUMENTAL

O Prêmio BDMG Instrumental reconhece compositores e arranjadores de música instrumental de Minas Gerais, ou residentes no estado há mais de dois anos. Reconhecido no país como pioneiro do gênero, o projeto influencia e ajuda a consolidar a cena musical do Estado, expandindo sua visibilidade e a circulação de sua produção musical. Por meio de editais públicos e com um corpo de jurados que são referência na música nacional, o Prêmio seleciona, todos os anos, quatro finalistas a serem premiados e a apresentar seus espetáculos em Belo Horizonte e em São Paulo, por meio de uma parceria com o SESC SP.

Na 19ª edição, compositores, instrumentistas e arranjadores fizeram apresentações inéditas, com temas autorais e arranjos para clássicos da MPB. Entre 12 semifinalistas, quatro foram vencedores: os pianistas Marcus Abjaud e Rafael Martini, o violonista Lucas Telles e a flautista e compositora Marcela Nunes.

Em 2020, programado para realizar sua 20ª edição, o prêmio teve que se ajustar às necessidades do isolamento e adiou seu edital que ocorrerá ao longo de 2021. Para celebrar esses 20 anos, criamos a Mostra BDMG Instrumental.

**VENCEDORES DO
19º PRÊMIO BDMG INSTRUMENTAL**
Na foto, Lucas Telles, Marcela Nunes,
Marcus Abjaud e Rafael Martini.



“O prêmio se tornou um balizador do calendário de trabalho de todo mundo. Ele movimenta a cadeia dos músicos, e ainda dá um super panorama do que está sendo produzido hoje em dia.”

RAFAEL MARTINI,
um dos vencedores do 19º Prêmio BDMG Instrumental.



“Ao mesmo tempo em que há novidade, há um respeito muito grande pelo que já foi feito também. Por exemplo, nos arranjos solicitados pelo Prêmio BDMG, sempre aparecem obras de compositores aqui de Minas. É muito importante conhecer nossas raízes, pois nossa música só vai perdurar se nós a tocarmos. Se a gente não tocar do nosso jeito, não der uma nova interpretação para esse repertório, ele fica embalsamado nos discos.”

LUÍSA MITRE,
vencedora do 18º Prêmio BDMG Instrumental (2018)
e do 19º Prêmio Marco Antônio Araújo (2019).



“Quando eu me debruço sobre a música instrumental mineira e tento observar aquilo que lhe é singular, o que percebo é que os mineiros são muito bons cozinheiros de mistura. Talvez por ficarmos mais perto do coração do Brasil, a gente tenha aqui uma sabedoria e uma equanimidade em dosar as influências que vêm de muitas partes para fazer um caldo rico. Temos essas matrizes próprias muito presentes, mas também não nos intimidamos com o que vem de fora. Você não faz algo contemporâneo se ficar fechado para o mundo. Nossa música tem marcas muito importantes, como o Clube da Esquina, mas busca estabelecer diálogo com outros estilos e gerações. Temos músicos muito bem formados, com bastante conhecimento e com desejo de produzir o novo. A contemporaneidade chega por conta dessa bagagem e por uma inquietude, uma visão do mundo já sem vidraças.”

TÚLIO MOURÃO,
em matéria da 1ª edição da REVISTA do BDMG Cultural.



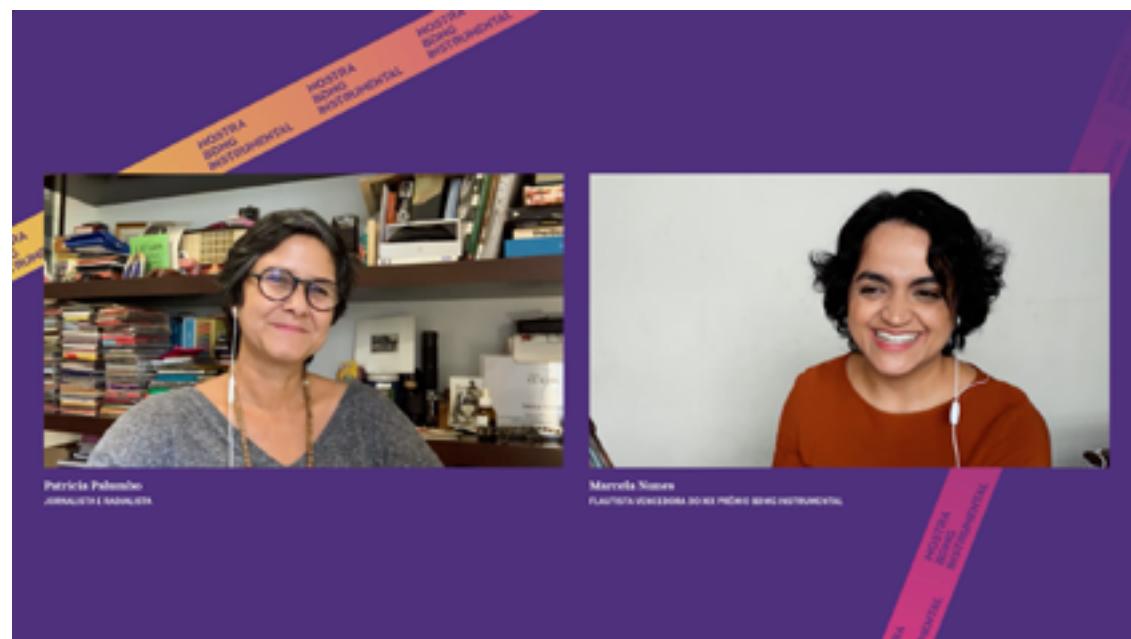
MOSTRA BDMG INSTRUMENTAL - YOUTUBE

Nos dois últimos meses de 2020, entrou no ar a Mostra BDMG Instrumental como parte da comemoração dos 20 anos do “Prêmio BDMG Instrumental”. Dez músicos que já conquistaram a premiação apresentam suas músicas e conversam com a jornalista e radialista Patrícia Palumbo, em uma série de episódios disponibilizados semanalmente, no portal do BDMG Cultural.

A Mostra BDMG Instrumental inclui os artistas: Antônio Loureiro, Cléber Alves, Deangelo Silva, Luísa Mitre, Lucas Telles, Marcela Nunes, Rafael Martini, Guanduo, Alexandre Andrés e Thiago Delegado.

SÉTIMO EPISÓDIO DA MOSTRA BDMG INSTRUMENTAL

Bate-papo da jornalista Patrícia Palumbo e Marcela Nunes, uma das vencedoras do 19º Prêmio BDMG Instrumental.



“O Prêmio BDMG Instrumental é importantíssimo. Eu tenho acompanhado os artistas que têm ido ao Sesc Instrumental Brasil, como parte da premiação, e posso ver a evolução desses músicos com o passar dos anos. Sem dúvida alguma, a cena instrumental mineira se beneficia desse ambiente de fomento, que proporciona e provoca encontros e realização de composições e arranjos. Pelos depoimentos que tenho colhido nesses anos todos de parceria, vejo o tamanho dessa iniciativa e até onde ela chega. As pessoas se movimentam em torno da premiação. Uma cena toda se forma e se alimenta em torno do Prêmio BDMG Instrumental. A longevidade de 20 anos é uma coisa maravilhosa.”

PATRÍCIA PALUMBO,
mediadora da Mostra BDMG Instrumental.

“O Prêmio BDMG Instrumental virou uma espécie de chancela e junto com o curso de Música Popular da UFMG são os dois grandes propulsores, combustíveis de toda essa efervescência que acontece na música mineira instrumental há tanto tempo. Os alunos se preparam, os professores concorrem com os alunos e apesar de ser um prêmio, é uma espécie de mostra. Eu vou ao prêmio não é mais para ver quem ganhou, mas é para ver a música que está sendo produzida no estado, é um grande encontro de cinquenta, setenta músicos, ele já faz parte do calendário.”

THIAGO DELEGADO,
vencedor do 11º Prêmio BDMG Instrumental.



PRÊMIO JOVEM MÚSICO 2019

O Jovem Músico BDMG apresenta jovens instrumentistas e cantores em formação, de até 25 anos, que se dedicam à música erudita. São selecionados para um conjunto de recitais realizados na Sala Juvenal Dias, da Fundação Clóvis Salgado, em Belo Horizonte, para proporcionar vivências de palco e o exercício de apresentações públicas.

Além de canto, recebe inscrições dos seguintes instrumentos: violão clássico, violino, viola clássica, violoncelo, contrabaixo erudito, flautas, clarineta, oboé, fagote, trompa, trompete, trombone, tuba, bombardino, percussão sinfônica, piano, harpa, saxofone erudito, cravo, alaúde, viola da gamba, teorba, oboé barroco, viola d'amore, flauta barroca, transverso.

A edição de 2019 realizou 5 recitais, todos na Sala Juvenal Dias, no Palácio das Artes.

“Para nós, jovens músicos no início da carreira, é uma ótima oportunidade para dar os primeiros passos. Existem poucos lugares abertos para a música erudita.”

JERÔNIMO ZALUAR,
violonista, participante do Prêmio Jovem Músico 2019.

Recital 1 (agosto/2019):

Jerônimo e Tobias Zaluar (duo de violões Zaluar), Jerônimo Zaluar (violão), Ícaro Molinari (violão), João Pedro Pena (piano), Danielle Reis e Rafael Figueiredo (duo de flauta) e Miguel Faria (marimba).

Recital 2 (setembro/2019):

Marco de Paula (violão), João Morales (violão), Luana Zille (violoncelo), Elias Magalhães e Lais Hirle (canto e piano), Bruno Jorge (saxofone) e Marcos Rodrigues (contrabaixo), e Mateus Belloni (violino).

Recital 3 (outubro de 2019):

Marcelo Rodrigues (violão), Flávio Marcionilho (violão clássico), Robert Willian Gomes (barítono), Cordélia de Souza (violoncelo) e Emília Carneiro (clarineta).

Recital 4 (novembro de 2019):

Ana Luiza Cicarini (harpa), Yan Augusto e Lucas Mendes (duo de violão clássico), Pedro Gilberto (violão), Brenda Andrade (canto), Flávio Scaraboto e Stella Nakamura (duo de violoncelo e piano), Luiz Rosa (piano), Quinteto de cordas e oboé (Laila Farinha Rodrigues, Ciro Quaresma, Matheus Macedo, Mateus Figueiredo e Heloisa Vitória).

Recital 5 (dezembro de 2019):

Pedro César (piano), Hiago Fernandes (violão), Elis Rios e Enzo Cypriani (violoncelo), Mateus Junqueira (piano) e Renan Fernandes (violino).

PRÊMIO JOVEM INSTRUMENTISTA 2019

Desde 2002, o Prêmio seleciona instrumentistas mineiros, com até 25 anos, para receber bolsas de estudo com nomes consagrados da música instrumental, valorizando a relação de aprendizagem entre músicos reconhecidos e aprendizes e a promoção do diálogo entre diferentes gerações da música de Minas Gerais.

Os músicos inscritos apresentam um breve repertório de música popular brasileira para a comissão julgadora do programa, independente e composta por profissionais renomados. Os selecionados recebem uma bolsa de estudos e participam de um show, no final do ano, ao lado de seus mestres. O percurso formativo prevê também momentos de experimentação coletiva por meio de residências artísticas.

Em 2019, os seguintes participantes foram contemplados:

Contemplados:

Ana Neri (trompete), Bê Moreira (teclado), Cyrano Veloso (bateria), Eduardo Amendoeira (piano), Guilherme Silva (acordeom), Ítalo Rodrigues (guitarra), João Gabriel (viola), José Carlos (Violão), João Silva (guitarra) e Thiago Hamsik (baixo).



APRESENTAÇÃO JOVEM INSTRUMENTISTA 2019
Foto: Élcio Paraíso

PRÊMIO JOVEM INSTRUMENTISTA 2020 - ONLINE

Em 2020, em função da pandemia da Covid-19 e das restrições e da necessidade de isolamento social que ela nos impõe, o BDMG Cultural propôs um processo todo online para garantir a segurança dos artistas selecionados e de toda a equipe do programa. As aulas aconteceram entre setembro e dezembro de 2020.

Selecionadx:

Ana Clara Guerra, Daniel Victor, Gui Barros, Kembely Almeida, Lucas Abreu, Marlon Wesley, Max Cabral, Raphael Machado, Thaianne Guimarães, Tom Almeida



ILUSTRAÇÃO DO PROGRAMA
JOVEM INSTRUMENTISTA 2020
Carolina Santana

EDITAL COLÉ - 2019 - LABORATÓRIO COLETIVO DE DESIGN PARA CRIAÇÃO DA IDENTIDADE VISUAL DA 20ª EDIÇÃO DO PRÊMIO BDMG INSTRUMENTAL

Realizado em 2019, para formar um laboratório para construção de uma identidade visual para a comemoração de duas décadas do Prêmio BDMG Instrumental, o edital selecionou seis designers. Por meio de ações criativas e formativas, o grupo construiu coletivamente um projeto gráfico para a edição comemorativa do Prêmio. O laboratório aconteceu no ESPAI, espaço de experimentação, elaboração e desenvolvimento de projetos em artes visuais e design, sob orientação do designer e professor Marcelo Drummond, com duração de 30 horas. Contou ainda com mediadores convidados: o designer paulista Celso Longo e músicos premiados pelo BDMG Instrumental e o designer Rafael Amato, que faz parte da equipe BDMG Cultural.

Selecionadx:

Clarice Lacerda, Estevam Gomes, Gabriel Figueiredo, Gabriela Abdala, Luísa Rabello, Maria Theresa Moraes.

PARTICIPANTES DURANTE
ENCONTRO DO COLÉ
Foto: Rafael Amato



CICLO DE MOSTRAS BDMG CULTURAL

EDITAL CICLO DE MOSTRAS BDMG CULTURAL – 2018/2019

Os editais para cada ciclo de Mostras BDMG Cultural são abertos anualmente e buscam estimular a produção das artes visuais contemporâneas em Minas Gerais, com o objetivo de dar apoio e incentivo para artistas com carreira em desenvolvimento. Seleccionam projetos de ocupação de espaço e viabiliza produção de catálogos e reembolso financeiro para o artista, além de montagem e divulgação durante o período de ocupação da Galeria BDMG Cultural. Podem se inscrever artistas mineiros, estrangeiros ou de outros estados, desde que comprovada a residência em Minas Gerais, com proposta de exposição individual ou coletiva em diversos suportes e linguagens das artes visuais.



DIZORDEM (2017)
Acrílica sobre lona de Alisson Damasceno

62

O DESCARTÁVEL (2018)
Aquarela de Augusto Fonseca



**EXPOSIÇÃO ESTRATÉGIAS DO MERCADO,
DE AUGUSTO FONSECA 2019**

A mostra propôs uma reflexão sobre uma sociedade construída em cima do consumo e do poder econômico, que gera o desperdício de recursos, agrava os problemas com o lixo no meio ambiente e, do ponto de vista econômico e cultural, aprofunda os processos de alienação.

**EXPOSIÇÃO A ÁGUA E OS SONHOS,
DE CHRISTIANA QUADY 2019**

A exposição foi composta por trabalhos em grandes formatos em aquarela. O projeto reuniu retratos em que a artista se aproxima de pessoas do seu convívio diário, bem como de cenas oriundas de seu arquivo familiar. Neles, ela reelabora a memória afetiva por meio do uso da tinta diluída e sobreposições de espaços e tempos. A curadoria foi assinada por Júlio Martins.

**EXPOSIÇÃO TUDO SOBRE NADA,
DE MÁRIO AZEVEDO 2019**

Nessa exposição inédita, 4ª da série de álbuns-catálogos do artista, com coleções de fotos e textos, Mário Azevedo ocupou a Galeria de Arte BDMG Cultural com seu olhar que torna acessível o que está oculto em uma nova maneira de ver os elementos do nosso mundo e de articulá-los com nossas vivências.

Catálogo disponível no portal BDMG Cultural

63

**EXPOSIÇÃO LINHAS DE TRANSPOSIÇÃO,
DE JOÃO PEDRO NEMER 2019**

Incontáveis tons de azul em um universo de criação e arte de João Pedro Nemer, artista visual formado pela Escola de Belas Artes da UFMG. Quando retornou ao Brasil após um intercâmbio na Holanda, pelo programa Ciências Sem Fronteiras na Royal Academy of Arts (KABK), João Pedro Nemer iniciou um processo de desenvolvimento artístico movido pela intenção de transpor as montanhas de Minas, que virou tema da sua primeira mostra individual.

Catálogo disponível no portal BDMG Cultural

**EXPOSIÇÃO DIZORDEM, DE
ALISSON DAMASCENO 2019**

Os trabalhos do jovem artista mineiro, habilitado em pintura pela Escola Guignard, se desenvolvem a partir de intervenções no universo da educação, onde atua como artista e professor, se apropriando de várias linguagens artísticas no desenvolvimento de suas obras. A mostra inédita integra uma pesquisa relacionada às questões sobre o papel do professor de arte enquanto artista, professor e pesquisador.

Catálogo disponível no portal BDMG Cultural

**EDITAL CICLO DE MOSTRAS
BDMG CULTURAL – 2019/2020**

EXPOSIÇÃO ALEGRIA NAS PERNAS,
DE ALEXANDRE JÚNIOR 2019

EXPOSIÇÃO ONDE A CORUJA
DORME, DE FROIID 2019

O futebol e as suas metáforas estão presentes nos trabalhos de Froiid, “Onde a Coruja Dorme”, e de Alexandre Junior, “Alegria nas Pernas”, a partir de obras bem humoradas e criativas para interagir e dialogar com as questões do dia-a-dia.

Catálogo disponível no portal BDMG Cultural

EXPOSIÇÃO AVENIDA AMAZONAS,
DE FELIPE CHIMIATTI 2019

Fotógrafo, cinegrafista, diagramador e artista visual em BH, Felipe Chemicatti apresenta seu olhar sobre uma das principais avenidas de Belo Horizonte, documentando pessoas e objetos e cobrindo uma lacuna de registro desse eixo da cidade.

Catálogo disponível no portal BDMG Cultural



MOVIMENTO DADÁ(2018-2019), SPRAY,
ACRÍLICA E NANKIN SOBRE PAPEL COLORIDO
Alexandre Júnior

DETALHE DA OBRA 5 CONTRA 1 DE FROIID
Foto: Miguel Aun





“Os jogos de certo modo são metáforizações dos modos de vida. As regras e os títulos explicitam isso. Trago diálogos com as vanguardas, com futuristas, ‘Dadá’s’ e outros grupos, mesclando influências que tive nos jogos nos campos de várzea e de rua.”

FROID,
artista visual.

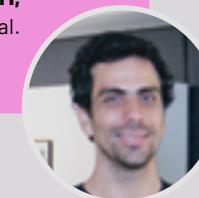


“Há hoje uma proliferação de piadas, muitas vezes por meio de memes, muito maior do que sempre existiu dentro do esporte. Acredito que esses pontos ajudam a refletir sobre o estado da sociedade atual. Há desgraça, mas há escárnio, há tragédia, mas ela anda de mãos dadas com o riso. E, mais do que isso, o futebol é algo no qual podemos nos dar ao luxo de rir, afinal, é só um esporte.”

ALEXANDRE JÚNIOR,
artista visual.

“Um orelhão pode parecer pitoresco, celulares, veículos, mas esses elementos que indicam temporalidade poderão ser vistos daqui há anos, marcando uma época. É uma documentação pouco usual, mas que pertence à cidade.”

FELIPE CHIMICATTI,
artista visual.



EXPOSIÇÃO AVENIDA AMAZONAS,
DE FELIPE CHIMICATTI
Foto: Bruna Brandão



**EUNICE, ACRÍLICA SOBRE
LONA DE CAMINHÃO**
Obra da série "Em nome das rosas"

EUGÊNIA FRANÇA EM SEU ATELIÊ.
Foto: Miguel Aun

"O fato de ser uma exposição virtual fez com que a discussão sobre violência doméstica chegasse a pessoas que nunca estiveram em uma galeria de arte. (...) Quando damos visibilidade, denunciamos, discutimos e trazemos o tema da violência doméstica para outros campos como o da cultura, por exemplo, estamos dizendo que essa é uma questão que diz respeito a todos nós."

EUGÊNIA FRANÇA,
artista visual.



"Um projeto importante de 2020, que fizemos em parceria com o BDMG Cultural, foi o 'Em nome das rosas', exposição sobre mulheres que sofreram violência doméstica, que aconteceu de modo virtual em função da pandemia. Alinhamos a mostra artística ao contexto, em um site muito bonito, com um pano de fundo com dados. Foi muito forte e com repercussão positiva, importante trazer o tema para o Banco e para a sociedade."

CAMILA CASTRO,
assessora da presidência do
BDMG e coordenadora do BDMG Plural.

EXPOSIÇÃO EM NOME DA ROSA, DE EUGÊNIA FRANÇA 2020

A mostra online apresentou 80 obras da artista visual mineira, realizadas entre 2018 e 2020, com objetivo de dar visibilidade à questão da condição feminina frente à violência doméstica. O título aponta para a dimensão contraditória de várias histórias, que não se resumem somente à dor. Pintadas em aquarela sobre lonas de caminhão, as faces de diversas mulheres compõem as obras e mostram, em segundo plano, as marcas do longo uso do material, muitas vezes remendadas, que são como as cicatrizes que marcam as experiências de cada uma das mulheres retratadas.

A exposição teve especial pertinência e repercussão por conta do tema: a violência doméstica foi um dos problemas sociais agravados pela pandemia, momento em que a exposição foi apresentada virtualmente, em uma parceria com o BDMG Plural, área do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais que trabalha as diretrizes de diversidade. Desenvolvido pelo @estudioguayabo, o site da mostra virtual "Em Nome das Rosas" foi indicado ao @awwwards, uma importante plataforma de referências no campo do webdesign. Em 2021, a mostra acontecerá de modo presencial na Galeria do BDMG Cultural.

Catálogo disponível no portal BDMG Cultural



DA LINGUAGEM (DETALHE)
Serigrafia e glitter sobre placa
de PVA, de Lamounier Lucas

**EXPOSIÇÃO BUNKER 24 – O GUETO DE COR
DE ROSA, DE LAMOUNIER LUCAS 2020**

A mostra propõe uma discussão e reflexão sobre os diversos espaços de exclusão e de pertencimento da comunidade LGBTQIA+. Os elevados números de agressão contra esta comunidade também são retratados na exposição, assim como a questão da invisibilidade dos corpos trans e a agressividade que a existência dessa população suscita na sociedade. O artista aposta na linguagem advinda da própria população como uma tática de resistência e sobrevivência, mas também não se furta ao expor contradições e impasses dentro da pluralidade que compõe a comunidade LGBTQIA+.

Catálogo disponível no portal BDMG Cultural

**EXPOSIÇÃO A MEMÓRIA PARADA ACERTA
TRÊS VEZES AO DIA, DE ESTHER AZ**

A exposição é resultado parcial de treze anos de investigações da artista. Parte do movimento simples de desmontar e brincar com um dito popular a respeito do tempo, e assim tece um convite para dar outro sentido ao que podemos compreender como memória. O gesto de desmontar, de ruir frases enrijecidas pela repetição coletiva, permite novas perspectivas e olhares frescos em direção à história composta por tantas camadas: a casa (a pele, o álbum), o bairro (a paisagem), a história (a escrita e a falada) e a memória, por ela compreendida como ser imaterial, indestrutível e inescapável. Compõem a exposição obras de diversas linguagens: pintura, desenho, objetos, bordados, vídeos e intervenções urbanas.

A exposição foi selecionada para o Ciclo de Mostras 2019/2020, mas devido a ajustes de cronograma gerados pela pandemia, irá ocorrer em janeiro de 2021, em formato presencial e também virtual.

“Discutir os espaços de exclusão e pertencimento que envolvem, norteiam e balizam a comunidade LGBTQIA+ implica considerar que, muitas vezes, o processo de exclusão social é reflexo do preconceito histórico-cultural em relação aos comportamentos, condutas e corpos que fogem dos padrões heteronormativos.”

LAMOUNIER LUCAS,
artista visual.

LAMOUNIER LUCAS EM SEU ATELIÊ
Foto: Miguel Aun



ARTES CÊNICAS E CINEMA

EDITAL TRILHA CULTURAL 2019

Edital de circulação de espetáculos de artes cênicas em Minas Gerais.

Selecionou 10 grupos de artes cênicas - circo, dança e teatro - com sede em qualquer um dos municípios mineiros, para promover a circulação de espetáculos do interior para o interior, do interior para a capital, e da capital para o interior do estado.

COMPANHIAS SELECIONADAS

Teatro:

Associação Trupe de Truões (Uberlândia), Roger Xavier Produções de Arte e Cultura (Ponte Nova), Teatro de Pedra - Associação Cultural (São João del Rei), Cia de Teatro Luna Lunera (Belo Horizonte), Renata Ferreira Rocha (Belo Horizonte) e Insólita Companhia (Ouro Branco).

Dança:

Grupo Camaleão de Dança (Belo Horizonte) e Monalisa Produções Culturais e Eventos Ltda (Belo Horizonte).

Circo:

Thiago Nicácio de Oliveira Sobrinho (Belo Horizonte) e Família Mariano Ltda (Manhuaçu).

6º PRÊMIO BDMG / FCS DE CURTA METRAGEM DE BAIXO ORÇAMENTO - 2020

O Edital, parceria do BDMG Cultural com a Fundação Clóvis Salgado, tem como objetivo premiar e estimular a cadeia produtiva voltada para profissionais independentes do cenário audiovisual mineiro.

A edição de 2020 do Prêmio foi adaptada para uma nova modalidade de execução diante da situação de enfrentamento da COVID-19. A temática norteadora proposta foi “Instante Suspenso: narrativas de um tempo de isolamento”, buscando novas reflexões sobre os desafios do tempo presente e retratos históricos deste momento.

Os candidatos inscreveram curtas-metragem inéditos e finalizados, produzidos em condição de isolamento social, contando com uma estrutura mais simplificada de produção – com filmagens que poderiam ser feitas inclusive por aparelhos celulares, com duração máxima de 10 minutos.

20 Filmes contemplados e 10 suplentes em:

<https://bdmgcultural.mg.gov.br/notice/6o-premio-bdmg-cultural-fsc-de-curta-metragem-de-baixo-orcamento/>

72

LITERATURA

73

LANÇAMENTO DO LIVRO LITERATURA MINEIRA: TREZENTOS ANOS

Em setembro de 2020, o lançamento virtual foi transmitido diretamente do Auditório do BDMG, com a participação do vice-governador do Estado de Minas Gerais, Paulo Brant; do presidente do BDMG, Sérgio Gusmão; da diretora-presidente do BDMG Cultural, Gabriela Moulin; do jornalista Rogério Faria Tavares, presidente da Academia Mineira de Letras e idealizador do projeto do livro; do Professor Emérito da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e organizador da publicação, Jacyntho Lins Brandão; além da escritora Júlia Medeiros, que leu poemas de escritores mineiros de diferentes períodos históricos.

“A inscrição de Minas na literatura brasileira constitui um testemunho excepcional de uma experiência ímpar que aqui se vive e se viveu, dentre as imparidades das várias regiões do nosso país, abrangendo todas as Minas, e não só do minério, e também todas as Gerais, na direção dos pontos cardeais, onde a nossa cultura e os nossos falares se encontram com os de nordestinos, de paulistas, de goianos, de fluminenses, de capixabas. Isso quer dizer que Minas sendo muitas, também a literatura mineira tem como marca a diversidade, e essa perspectiva da diversidade é que norteou a organização do livro.”

JACYNTHO LINS BRANDÃO,
organizador da obra.

A obra celebra os 300 anos da fundação de Minas Gerais, a rica produção literária do estado e os muitos escritores e escritoras que ganharam o Brasil e o mundo com suas histórias e legaram obras fundamentais para nosso entendimento como país. Os ensaios presentes na publicação compõem um painel da produção das letras de Minas Gerais, do século 18 ao 21, em uma configuração que tanto contempla o eixo cronológico da periodização literária quanto recortes temáticos, abertos a temas e problemas nem sempre considerados por nossa historiografia tradicional, com a literatura indígena, infantojuvenil e a marginal.

O livro será distribuído gratuitamente para bibliotecas do sistema público de Minas Gerais e está disponível no portal de conteúdo do BDMG Cultural.



LIVRO LITERATURA
MINEIRA: TREZENTOS ANOS.
Registro: Larissa D'arc



PICTOGRAMAS CRIADOS PARA O
PROGRAMA TRILHA CULTURAL

AÇÕES PATROCINADAS

EXPOSIÇÃO MUNDOS INDÍGENAS, NO ESPAÇO DO CONHECIMENTO DA UFMG (2019 / 2020)

A exposição - aberta em dezembro de 2019 no Espaço do Conhecimento UFMG e com uma versão virtual de visita criada em setembro de 2020, disponível no Youtube - apresenta modos de viver, de saber e de cuidar dos povos Maxakali, Pataxóop, Xakriabá, Yanomami e Ye'kwana, com curadoria dos cinco povos.

MOSTRA CINEMA, OLHARES NO FEMININO (2020)

A mostra aconteceu de forma virtual entre agosto e setembro de 2020. Propôs uma reflexão em torno das relações entre gêneros por meio do olhar e da expressão de diretoras mulheres. Temáticas como a condição feminina, a violência cotidiana contra a mulher são temas abordados, de forma sensível, nos trabalhos exibidos. Cinco longas-metragem e dois curtas-metragem ficaram disponíveis gratuitamente por uma semana e serviram como matéria prima para um debate, que reuniu a ativista Marlise Matos, referência dos movimentos feministas de Minas; Camila Castro, coordenadora do Programa BDMG Plural e as diretoras da mostra - Déa Ferraz, Juliana Antunes e Paula Sacchetta.

23º E 24º FORUMDOC. BH (2019 E 2020)

O Festival do Filme Documentário e Etnográfico de Belo Horizonte tem como foco exibir, debater e colocar em evidência produções que abordam diversas perspectivas autorais e culturais.

Em 2019, a programação se organizou em três mostras: 58 filmes documentais, com produções e temáticas diversificadas para debater questões em torno da diversidade cultural; a Mostra Mortos e a Câmera, com 23 filmes; a Mostra Contemporânea Brasileira, com 21 filmes; além de Sessões Especiais, com 13 produções, e um Seminário composto por 3 encontros.

Em 2020, o festival se adaptou a um modo integralmente online e gratuito, inaugurando novas formas de partilha possíveis no contexto atual. O tema desta edição foi "Esta terra é a nossa terra", contando com documentários que abordam perspectivas autorais e culturais diversas. A programação esteve disponível em novembro, com 71 filmes. Manteve programação diária de encontros, mesas, entrevistas, masterclass e outros eventos transmitidos ao vivo pelo canal do Youtube do festival.

Os patrocínios em 2019 e 2020 foram feitos via Lei de Incentivo Municipal à Cultura, com recursos incentivados do BDMG.

SEM TÍTULO
Desenho dos alunos das
escolas Apolinário
Gimenes, Mõtaku Ye'kwana
e Waikás, extraído do
livro Nhe'kudu, 2017



74



LEDA MARIA MARTINS E
DENILSON TOURINHO
1ª edição do Prêmio
Leda Maria Martins

75

3º E 4º PRÊMIO LEDA MARIA MARTINS DE ARTES CÊNICAS NEGRAS DE BELO HORIZONTE (2019 E 2020)

O Prêmio reconhece montagens de teatro, dança e performance da capital mineira e região metropolitana, por categorias inspiradas em referências culturais, estudos e marcos conceituais elaborados por Leda Maria Martins acerca das artes e culturas negras. Martins é poeta, ensaísta, dramaturga, ex-diretora de ação cultural da Universidade Federal de Minas Gerais e rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá. Desde a primeira edição o Prêmio é patrocinado pelo BDMG Cultural e BDMG.

O tema da 3ª edição foi *Exuzilhar* - verbo inspirado na produção da escritora Cidinha da Silva. O tema da 4ª edição foi *Quilombismo*, inspirado no livro "O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista", de Abdias Nascimento, editado em 2019.



PEÇA DE DIVULGAÇÃO DA 4ª EDIÇÃO
Prêmio Leda Maria Martins

**REVISTA MANZUÁ 3,
MOSAICO SERTÃO VEREDAS
- PERUAÇU (2020)**

A revista nasceu do desejo de abrir novos espaços de diálogo, aprendizado e afeto entre as pessoas, para além dos povos que habitam e formam o território do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu, formado por um conjunto de áreas protegidas localizadas na margem esquerda do Rio São Francisco, entre as regiões norte e noroeste de Minas Gerais e parte do sudoeste da Bahia, compreendendo unidades de conservação ambiental, comunidades tradicionais e a Terra Indígena Xakriabá.

A versão impressa da Manzuá teve seu primeiro número produzido em 2016, fruto da trajetória de implantação do Mosaico. A segunda versão, com conteúdos que relacionam cultura local, meio ambiente e arte foi lançada em 2018. Um site abriga os conteúdos produzidos para a revista impressa e amplia o seu alcance como canal de diálogo, trazendo novas formas de acesso com recursos de imagem, áudio e vídeo.

“O ano 2020 parece inaugurar o século 21 como tempo sombrio, como morte anunciada da ilusão do passado faustiano da modernização. Como responder às ameaças a nossa antiga noção de civilização? A esperança não é só afeto; é também método, e o desafio atual é um chamado à invenção.”

DIEGO VIANA,
em trecho do texto “É este o século?” da
14ª edição da Revista PISEAGRAMA

**14ª EDIÇÃO DA REVISTA
PISEAGRAMA - FUTURO (2020)**

PISEAGRAMA é uma plataforma editorial dedicada aos espaços públicos – existentes, urgentes e imaginários – e além da revista semestral e sem fins lucrativos, realiza ações em torno de questões de interesse público como debates, micro-experimentos urbanísticos, oficinas, campanhas e publicação de livros. Lançada em agosto de 2020, a 14ª edição conta com a colaboração de diversos artistas.



CAPA DA REVISTA PISEAGRAMA
14ª edição

CAPA DA REVISTA MANZUÁ
3ª edição

Manzuá 3



LIVRO RETRATISTAS DO MORRO - ACERVO IMAGÉTICO DOS FOTÓGRAFOS TRADICIONAIS DO AGLOMERADO DA SERRA

Publicação de um livro - com tiragem de 700 exemplares - reunindo imagens históricas, raras e inéditas produzidas por fotógrafos retratistas tradicionais que trabalham desde o início de 1970 registrando o cotidiano do Aglomerado da Serra. A publicação quer contribuir para a memória e a preservação das identidades culturais dessa comunidade.

A publicação apresenta ainda biografia e as imagens dos retratistas João Mendes e Afonso Pimenta. O projeto foi apoiado pelo Fundo Municipal de Cultura de Belo Horizonte e teve também o patrocínio do BDMG Cultural.

9ª EDIÇÃO DO FESTIVAL ARTES VERTENTES (2020)

O Festival Internacional de Artes de Tiradentes tem como proposta oferecer espetáculos de alto nível em todas as linguagens artísticas - música, cinema, artes visuais, artes cênicas e literatura - e atuar como uma plataforma de comunicação não só entre as vertentes artísticas, integradas por um mote curatorial, mas também entre músicos, escritores, diretores, pensadores, atores e artistas visuais, do Brasil e do exterior. Em 2020, o Festival escolheu a fórmula H2O como mote curatorial: uma reflexão sobre a água, substância essencial para o modo de vida da humanidade, foi proposta através de toda a sua programação, que aconteceu entre novembro e dezembro.

PUBLICAÇÃO DA OBRA “DE PRIMEIRO, NA RUA NOVA”

A obra reúne uma série de crônicas memorialísticas enfocando a primeira metade do século 20 em Ouro Preto, vista da janela de uma casa setecentista, com jardim e pátio interno que a separam mas também a aproximam da rua. Enquadra-se na literatura contemporânea, conhecida como escrita do eu, na qual uma primeira pessoa assume, além da subjetividade narrativa, a expressão de vozes coletivas que vivenciaram ou souberam, por outras fontes de vivência, a experiência do passado.

FLIPOÇOS 2020 - FEIRA LITERÁRIA DE POÇOS DE CALDAS (2020)

O Festival Literário Internacional, que se realiza anualmente em Poços de Caldas, teve edição virtual em 2020 e incluiu uma Feira do Livro. Foram realizadas, em tempo real, em três salas de atividades, várias atividades para o público, incluindo uma série de encontros virtuais com grandes nomes da literatura, como a escritora Ana Maria Machado (patronesse da edição).

ANIVERSÁRIO DA RENATA,
AGLOMERADO DA SERRA, 1986
Foto de Afonso Pimenta que faz parte
do projeto Retratistas do Morro



CINE BARRANCO, UM REGISTRO DO CINEMA EM JANUÁRIA (2020)

O movimento Cine Barranco reúne jovens da cidade de Januária, no Norte de Minas. O projeto promove sessões gratuitas de filmes no quintal da casa que abriga o Ponto de Cultura e Centro do Artesanato local, já que não há uma sala de cinema na cidade. A diversidade do grupo que se reúne traz uma riqueza maior à discussão, transdisciplinar por natureza, e o torna um lugar de criação e formação simbólica e também econômica dos participantes.

MARATONA FOTOGRÁFICA FIF BH (2020)

O FIF - Festival Internacional de Fotografia de Belo Horizonte é uma ação cultural bienal, que promove o diálogo entre a produção fotográfica de diferentes países, bem como o encontro entre a fotografia e outros meios de expressão criativa. Busca privilegiar os processos criativos que exploram a fotografia como elemento potencial do discurso poético e sua interseção com outras plataformas de produção do conhecimento sensível.

Além de palestras, debates, exposições e workshops, a Maratona Fotográfica faz parte do conjunto de ações que compõem o FIF BH 2020, que aconteceu em dezembro. Trata-se da realização de um processo de produção poética orientada, que leva em consideração as múltiplas possibilidades fotográficas e experimentações ligadas ao campo da imagem. Em 2020, 3 orientadores - Ângela Berlinde, Joaquim Paiva e Pedro David - acompanharam a produção autoral de 5 participantes, durante o

período de 2 meses. A atividade resultou no desenvolvimento de 15 séries fotográficas inéditas e originais, exibidas no site do FIF.

4º FESTIVAL DE CINEMA DE MURIAÉ - ONLINE (2020)

O Festival difunde e reconhece produções audiovisuais nacionais e regionais. Em sua 4ª edição e lidando com os impactos da pandemia, construiu uma versão inteiramente online, que ocorreu em novembro de 2020 em plataforma virtual. As premiações incluem categorias como melhor filme nacional, melhor filme regional, melhor filme infanto-juvenil, melhor documentário, melhor animação e melhor roteiro, entre outros dedicados a profissionais do audiovisual.

TECELÃS DE TOCOIÓS - AS CORES DO VALE DO JEQUITINHONHA (2020)

A 20 quilômetros de Jenipapo de Minas, no Médio Jequitinhonha, reúnem-se as Tecelãs de Tocoíós, na comunidade Francisco Badaró. O grupo, organizado desde 1987, ajuda mulheres agricultoras a gerar sua própria renda e a se manter sem precisar deixar a comunidade, a partir do plantio, da colheita e do processamento do algodão.

As tecelãs trabalham junto à Ajenai (associação civil sem fins lucrativos) para ampliar o plantio de algodão, se aprimorar no tingimento e no uso de diferentes tramas para tecer. O cultivo é sustentável, o tingimento é natural, tudo seguindo o ritmo da natureza - que aprenderam a acompanhar observando os mais velhos.

“As fiandeiras se reuniam desde sempre, cada dia na casa de uma, para tecer juntas. Junto com as comadres, a gente fiava, cantava, jogava verso, descaroçava algodão, cozinhava... A vida toda nossa foi assim mesmo: comecei a mexer com artesanato desde os 7 anos de idade. Enquanto minha avó e minhas tias fiavam, eu mexia com os novelinhos.”

DONA MILA,
uma das Tecelãs de Tocoíós, em depoimento para a REVISTA BDMG Cultural nº 3.



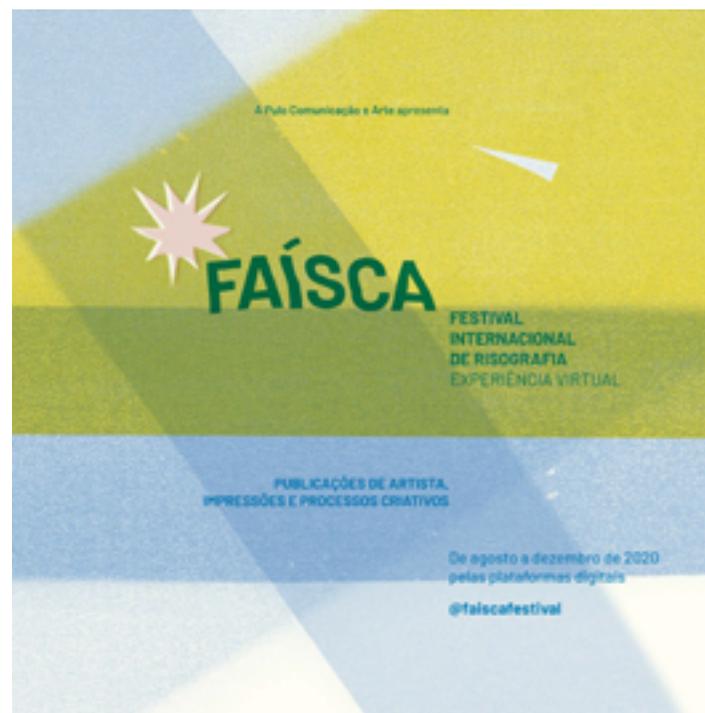
JAC E MARIA DE JESUS, TECELÃS DE TOCOIÓS.
Foto: Érika Riani

33ª E 34ª SEMANAS DE MÚSICA DE CÂMARA, EM EDIÇÃO VIRTUAL (2020)

A Fundação de Educação Artística (FEA) realiza a Semana de Música de Câmara há 17 anos, semestralmente. Em 2020, a 33ª e a 34ª edições foram concentradas em duas semanas consecutivas dentro no mês de novembro, em modo online. Batizado de CÂMARA }entre{ CÂMERAS, o evento foi dedicado ao colaborador e professor Eládio Pérez-González, vítima da Covid-19. Três vídeos concertos foram gravados na Sala Sergio Magnani (FEA) com a participação de músicos notáveis e estão disponíveis no Youtube. O repertório privilegia a música camerística brasileira dos séculos 20 e 21. Estudantes cameristas tiveram aulas online: da Suíça com Márcio Carneiro, da Alemanha com Götz Hartmann, da Itália com Mirta Herrera e de Belo Horizonte com João Carlos Ferreira.

MÃOS FEMININAS (2020)

Iniciativa do Grupo Primeiro Ato, a proposta consistiu na realização de uma série de oficinas entre mulheres, oferecidas gratuitamente às moradoras do bairro Jardim Canadá e região. Foram oficinas online integradas pelo foco no feminino: “Corpo e Gesto” com Suely Machado e Marcela Rosa, “Escritas e Estórias” com Júlia Medeiros, “A Vida Secreta dos Objetos” com Iara Mares e “Voz e Canto” com Titane, todas realizadas entre novembro e dezembro de 2020.



FAÍSCA – FESTIVAL INTERNACIONAL DE RISOGRAFIA (2020)

Criado em 2015, como a primeira feira periódica de publicações independentes em Belo Horizonte, o festival se reinventou para apresentar um formato inédito, com diversas atividades ao longo de três meses. As atrações incluíram debates, palestras, oficinas, entrevistas, ateliês, lançamentos de livros, zines e experimentações gráficas, além da Feira Virtual de Publicações e Arte Impressa.

Foi a primeira vez que o evento ganhou um tema: “o universo da risoarte”, que é um tipo de impressão desenvolvida a partir da evolução dos mimeógrafos. As cores próprias e vibrantes, além das texturas são as principais características da técnica.

PEÇA DE DIVULGAÇÃO DO FAÍSCA
Festival Internacional de Risografia,
edição virtual realizada em 2020

Imagem extraída da identidade visual do projeto Mãos Femininas, do Grupo Primeiro Ato.





PADRE MAURO, EM UMA DAS SALAS PRINCIPAIS DO MUQUIFU, MUSEU DO QUAL É DIRETOR.
Foto: Rafael Amato

REVISTA NOVA ECONOMIA Nº 29 - "CULTURA E DESENVOLVIMENTO" (2019 / 2020)

"No Muquifu não cuidamos apenas das memórias das coisas, privilegiamos as pessoas que foram deixadas por detrás da história. (...) O Catálogo HABEMUS MUQUIFU contribui de forma particular no reconhecimento do museu no circuito cultural de BH e em MG. Sendo assim contribuimos para divulgar que Minas Gerais tem muito mais a oferecer às artes e cultura brasileiras que vão além do Barroco. Nas vilas e favelas podemos identificar uma cultura viva e o catálogo apresenta uma parcela dessa riqueza cultural."

PADRE MAURO LUIZ DA SILVA,
diretor do Muquifu.

Com o apoio do BDMG Cultural, a Revista Nova Economia (Cedeplar, FACE, UFMG) lançou um número especial sobre "Cultura e Desenvolvimento" com artigos diversos e importantes reflexões sobre os dois temas. Criada pelo Departamento de Ciências Econômicas (FACE/DCE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1990, a revista busca ser plural, abordando diversas matrizes teóricas de modo interdisciplinar.

Disponível no site do BDMG Cultural e também na página da Nova Economia.

OBRAS EDUCATIVAS PADRE GIUSSANI (2019 / 2020)

Fundada em 1978, as Obras Educativas Padre Giussani são compostas por um grupo de 6 instituições sem fins lucrativos que fazem parte de uma rede de apoio social. Elas atendem cerca de 1.200 crianças, adolescentes e suas famílias na região norte de Belo Horizonte. Tem como objetivo o acolhimento e a educação de crianças e adultos, ajudando-os a olharem para si e para a realidade, a fim de que expressem o que eles são em sua natureza verdadeira. O BDMG Cultural apoia as Obras Educativas Padre Giussani há mais de 20 anos. Em 2020, o grupo de arte-educadores se reinventou durante o isolamento social para propor atividades lúdicas e criativas para as crianças de modo virtual, lidando com o desafio da desigualdade de acesso à internet e a dispositivos eletrônicos.

PUBLICAÇÃO "HABEMUS MUQUIFU" - DO MUQUIFU - MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANAS (2019)

Para resgatar as memórias e histórias do Aglomerado Santa Lúcia, na Região Centro-Sul de Belo Horizonte, o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanas lançou o seu primeiro catálogo com objetos e exposições de um acervo criado em 2012. A instituição reúne em seu acervo fotografias, objetos, documentos, imagens de festas, celebrações e histórias que representam a tradição e a vida cultural dos moradores das diversas favelas e quilombos urbanos do estado de Minas Gerais. É uma iniciativa pioneira de museologia social em Belo Horizonte (MG).

“A partir do momento em que a presença dos córregos é identificada, lembrada, por meio das placas de sinalização, sua existência passa a ser algo natural, reconhecida pelos cidadãos que transitam na cidade, engajando toda a sociedade no (re)conhecimento deste corpo d’água que habita a cidade.”

86

PUBLICAÇÃO DA TRADUÇÃO DE QUELQUE PART DANS L’INACHEVÉ, DE VLADIMIR JANKÉLÉVITCH (2019)

Primeira tradução em língua portuguesa de *Quelque part dans l’inachevé* (Em algum lugar do inacabado), de Vladimir Jankélévitch e Béatrice Berlowitz, na tradução de Clovis Salgado Gontijo, pesquisador e docente do Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). O livro será publicado pela Editora Perspectiva, reconhecida no cenário nacional por seus títulos nas áreas da filosofia, da teoria da arte e do pensamento judaico. A publicação conta com texto introdutório preparado pelo tradutor da obra, que serve como apresentação à obra do filósofo e como lugar de reflexão de alguns temas e conceitos abordados ao longo da obra.

PROJETO ENTRE RIOS E RUAS (2019 / 2020)

Belo Horizonte (MG) assim como outras grandes cidades no Brasil e no mundo, desviou ou cobriu córregos e rios durante toda a sua história. Um sufocamento das águas abundantes na geografia da cidade montanhosa. Para chamar a atenção sobre o que foi apagado da paisagem e da memória de moradoras e moradores de Belo Horizonte, de forma crítica e poética, a artista visual Isabela Prado desenvolveu o projeto *Entre Rios e Ruas*. Um trabalho plural, executado em diversas plataformas artísticas, que vem sendo idealizado há mais de dez anos. O projeto foi patrocinado pelo BDMG via Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

ISABELA PRADO,
idealizadora do projeto.



PROJETO “ENTRE RIOS E RUAS”
Artista visual Isabela Prado e a instalação de uma das placas que fazem parte de seu projeto



DETALHE DAS CERÂMICAS DE MÁXIMO SOALHEIRO DURANTE O ESPETÁCULO MINERAL
Acervo Máximo Soalheiro

87

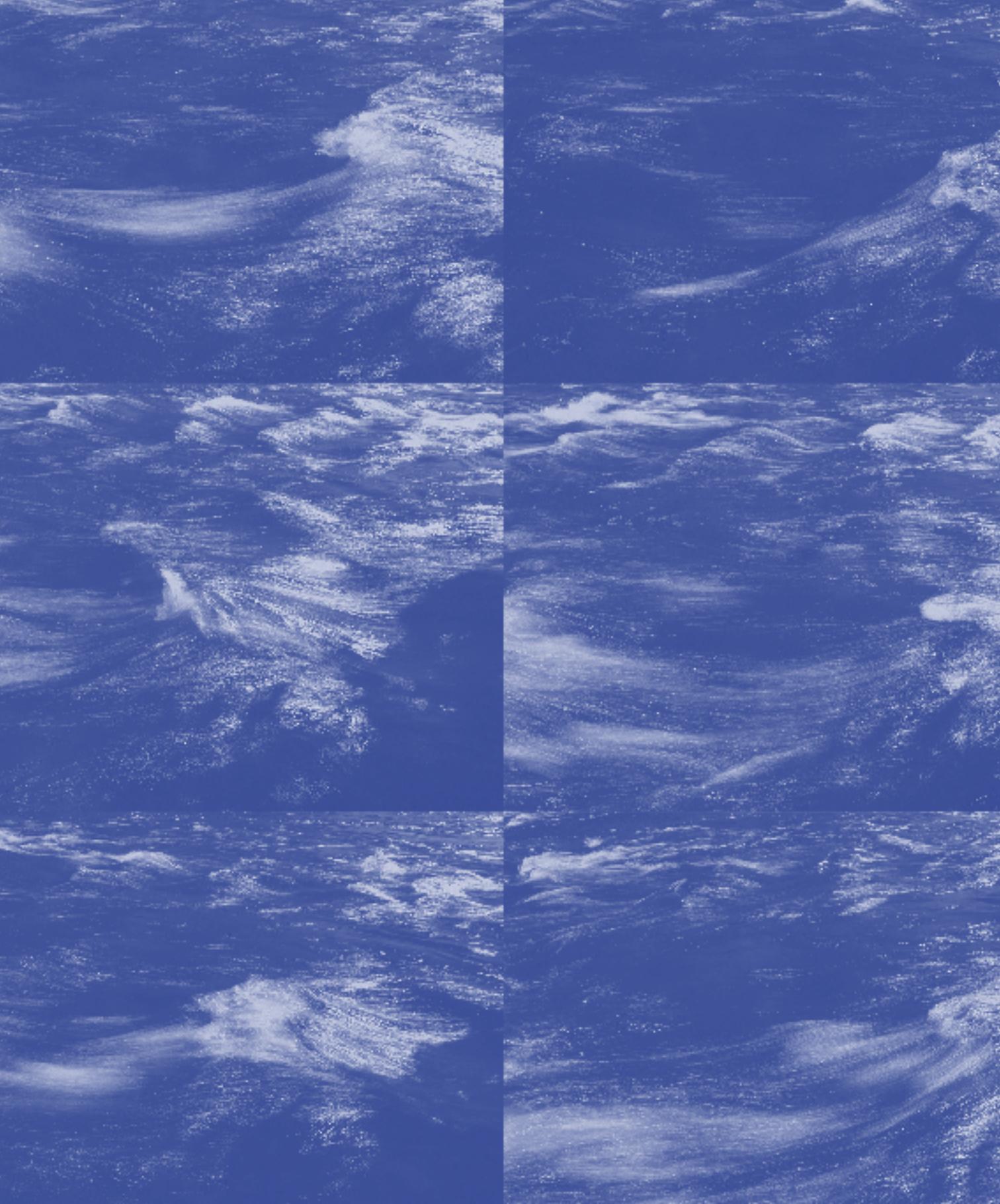
ESPETÁCULO “MINERAL” - PRÉ BRICS SUMMIT - MINAS GERAIS - NOVEMBRO (2019). BDMG E BDMG CULTURAL

Realizado em novembro de 2019, com direção musical de Pedro Durães e direção artística de Máximo Soalheiro, o espetáculo *Mineral* foi uma instalação com dezenas de peças em cerâmica, que deram corpo a um grande instrumento musical, resgatando a relação entre cerâmica e música. Para realizar *Mineral*, Soalheiro se dedicou à pesquisa de materiais, processos de queima e vitrificação, chegando ao material definido para a instalação, o agalmatolito (especificamente a pirofilita), que tem ocorrência única em Minas Gerais e na China. Um minério que produz sonoridade rica, que se sustenta no ar e com altura definida.

O patrocínio foi do BDMG em parceria com o BDMG Cultural.

1º FÓRUM DE FOTOPERFORMANCE (2019)

Em outubro de 2019, o fórum trouxe a proposta de compartilhar conhecimentos, debater e fomentar o cenário da fotoperformance em Belo Horizonte. Na programação, diversos artistas de todo o país se reuniram para uma série de atividades, com palestras, mesas-redondas, videoconferências, lançamento de livro e residência artística, com a participação de artistas, pesquisadores e curadores, a fim de discutir a fotoperformance.



3

FUTURO

UM HORIZONTE QUE SE AVIZINHA

ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO
Foto: Kika Antunes / Acervo Manzuá

UM HORIZONTE QUE SE AVIZINHA

90

“A ideia de devir é muito interessante, porque ela aponta no presente como que as coisas podem, a partir dessas relações, criar outras coisas que talvez já estejam aqui presentes. E aí tem um poder de imaginação fantástico, que a cultura propicia, num sentido amplo, não limitado às práticas artísticas.”

BENJAMIN SERROUSSI,

da Casa do Povo, no podcast 08,
do Ciclo 03 do Programa Educativo.

No caminho para o desenvolvimento tem arte e cultura. Um banco de desenvolvimento, ao apoiar de forma contínua a arte e a cultura, nos traz concretamente ares para imaginar o desenvolvimento que queremos. Um desenvolvimento que pode ser qualificado pela possibilidade da experimentação e da criação humana que a arte e a cultura expandem. E também pelas possibilidades de conexões.

O investimento do BDMG Cultural em atividades múltiplas, como as organizadas nesta publicação e correspondentes ao biênio 2019/2020, torna essa afirmação ainda mais real. Ao olhar o conjunto de iniciativas, é possível também perceber a potência de conexão, articulação e diálogo entre elas no espaço que abrange Minas Gerais e vai além.

“É completamente pertinente que um banco tenha atenção a um setor dedicado à cultura, principalmente em Minas Gerais, um estado com um imenso patrimônio histórico, com muitas particularidades, um frescor de uma produção contemporânea impressionante.”

MARCELA BERTELLI,

editora da Revista Manzuá.

FESTEJOS DO 13 DE MAIO
Foto: Priscila Musa



91

É um desafio permanente para a atuação do BDMG Cultural mapear e revelar possibilidades das práticas culturais realizadas no cotidiano, considerando a complexidade e diversidade geográfica e social de Minas Gerais. Entretanto, sua atuação reconhece e valoriza as potências que existem no estado e, ao escolher esse caminho, investe no futuro, aprende com os saberes diversos, propondo um desenvolvimento que é a fusão do presente com o horizonte.

Por ser uma instituição de interesse público, uma maior abertura à sociedade é prerrogativa da atuação do BDMG Cultural. Mas a forma como se realiza essa abertura é o sinal da diferença que se quer imprimir nessa atuação.

Em um momento singular para o Brasil e o mundo, essa forma de atuar se torna ainda mais relevante, reforçando a necessidade de reafirmar a importância da arte e da cultura na compreensão do desenvolvimento.

É possível que o BDMG Cultural tenha empreendido um bom entendimento dessa realidade e desses desafios ao redesenhar e experimentar sua atuação durante o momento atual de pandemia e distanciamento social, que pegou a todos de surpresa e aprofundou os desafios que já estavam postos de uma forma jamais imaginada.

A instituição foi capaz, articulada com seus parceiros, de produzir novas formas de atuar a partir dos projetos em curso. As escolhas empreendidas no período da pandemia potencializaram conexões de iniciativas como propósito, fomentando redes, alcançando artistas e formas de cultura nas periferias e nos interiores, engajando e mobilizando pessoas. Navegar pelo site do BDMG Cultural tornou-se uma viagem por um portal que reúne ações passadas, presentes, publicações e tantas iniciativas.

É possível encontrar ali a voz das universidades, de coletivos, de sertanejos, de indígenas, de negros, de mulheres, de redes locais, de iniciativas, de artistas, de produtores culturais. E ali também se apresentam, como na prática dos projetos e nas trocas entre as pessoas, conexões fundamentais para o desenvolvimento de pessoas, de ideias, de saberes.



“Para o BDMG Cultural, a rede pública da cultura é parte fundante do nosso trabalho. É muito importante que as outras instituições existam, que os artistas e pensadores estejam em ação, a gente existe para trabalhar junto... Nos tornamos melhores na medida em que criamos e participamos de redes, isso nos ajuda a dar conta das várias dimensões com as quais nos propusemos a lidar. Precisamos observar, reconhecer e revelar o que ganhamos nas relações.”

GABRIELA MOULIN,
diretora-presidente do BDMG Cultural.

“O BDMG Cultural atua com sentido de descentralização da política cultural artística, inclusão de coletivos, autores, autoras, músicos, para além do universo que vem sendo considerado como alta cultura, incluindo saberes tradicionais e outros coletivos, abertura inclusiva e no sentido de diversidade e multiplicidade dos agentes e saberes.”

WELLINGTON CANÇADO COELHO,
docente da Escola de Arquitetura da UFMG.



Escolhemos diariamente ampliar, amplificar e expandir as trocas. O BDMG Cultural deseja ocupar um papel de facilitação e de aproximação com novos públicos, apoiando projetos mais duradouros e contínuos.

“Somos um banco de desenvolvimento e esse é nosso mandato. Entendemos que educação e cultura são vetores do desenvolvimento, essenciais e necessários de uma agenda de desenvolvimento. Nada é por acaso.”

SERGIO SUCHODOLSKI,
presidente do BDMG.

A imagem que se projeta com essas escolhas e apostas é a de um trânsito fluido das ações na capital e no interior e troca verdadeira entre as regiões, com modos diversos de fazer cultural ocupando as galerias e os editais, preservando o incentivo à pesquisa a partir dos diversos saberes com suas contribuições sistematizadas e compartilhadas.

Uma instituição que se quer mais democrática e plural, com gestão mais participativa que se converte também em laboratório de uma gestão inovadora, com governança que projeta liberdade criativa plena para definir seus programas, curadorias, conteúdos, ousadias e experimentos. Uma existência que apoia arte e cultura como um grande laboratório e que organiza estratégias de influência em políticas públicas que fortaleçam permanentemente arte e cultura como caminhos fundamentais para o desenvolvimento do estado.

O BDMG Cultural está colhendo frutos das experimentações e aprendizados do tempo de distanciamento social, reconhecendo ações que podem ser potencializadas, ampliando seu alcance e possibilidade

de reaplicação e de influenciar contextos. E pode também ocupar um lugar de experimentação e inovação para o Banco, como laboratório de inovação e vanguarda para os projetos de desenvolvimento econômico.

Ao olhar para o mundo e enxergar seus desafios, o BDMG Cultural se questiona sobre como se aproximar e contribuir para os desafios que se aproximam. Os esforços empreendidos pelo Banco para uma busca de soluções sustentáveis para o Estado nos inquietam e nos fazem nos propor a trabalhar também os objetivos propostos pela Agenda 2030 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, da Organização das Nações Unidas.

Programas conectando cidade, campo e emergência climática com arte e cultura têm previsão de ampliação, assim como uma conexão com a pesquisa acadêmica, a pesquisa fora da academia, e com saberes ancestrais, expandindo também o sentido da arte. Caminhos assim podem abordar pontos de vista éticos, estéticos e ecológicos do desenvolvimento e propor um repensar do desenvolvimento a partir da cultura, da arte, da natureza e da produção das cidades.

Estamos falando em um devir do BDMG Cultural que se converte em laboratório de construção de futuro, plataforma para experimentação de soluções que contribuem para outras compreensões do desenvolvimento - um em que caiba mais gente, que se fortaleça na coletividade e que olha para os recursos de forma mais integral e sustentável. A arte e a cultura têm muito a propor sobre isso. Que venha 2021 e suas novas redes e criações.

FICHA TÉCNICA

94

O conteúdo deste relatório foi construído e organizado a partir do conhecimento produzido no âmbito dos projetos, somado a entrevistas e depoimentos sobre as ações e contribuições à sociedade do BDMG Cultural, no biênio 2019 e 2020.

ENTREVISTAS:

Sergio Suchodolski

Presidente do BDMG

Gabriela Moulin Mendonça

Diretora Presidente do BDMG Cultural

Camila Castro

Coordenadora do BDMG Plural

Francisca Caporali

JA.CA - Centro de Arte & Tecnologia

Vitor Lagoeiro

Coletivo Micrópolis

Marcela Bertelli

Revista Manzuá

Fabricio Santos

Agência Árvore

Wellington Cançado Coelho

Escola de Arquitetura da UFMG

João Eduardo Faria Neto

BDMG e Conselheiro do BDMG Cultural

Junia Ordones

BDMG e Conselheira do BDMG Cultural

DEPOIMENTOS DA EQUIPE E DO CONSELHO DO BDMG CULTURAL:

Maria Lígia Dutra

Conselheira do BDMG Cultural

Antonio Carlos dos Santos

Presidente do Conselho Deliberativo do BDMG Cultural

Clarissa Perna Figueiras

Diretora Financeiro

Elizabeth José Dos Santos

Música

Érico Grossi

Artes Visuais

Francisco Roberto Rocha De Carvalho

Projetos e Patrocínios

Larissa D'Arc

Acervos

Maria Aparecida Pereira P. e Silva

Administrativo

Paulo Francisco Proença

Comunicação

Rafael Amato

Design Gráfico

Beatriz Oliveira Neto Godoy

Estagiária Jurídico

Jéssica Wrarne

Estagiária Jurídico

DEPOIMENTOS DE ARTISTAS E REPRESENTANTES DE PROJETOS APOIADOS:

Participantes do Edital Redes de Conhecimento

Bolsistas e tutores do LAB Cultural

Artistas contemplados nos Ciclos de Artes Visuais

Contempladxs, finalistas e jurados nos Prêmios de Música

ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDO:

Ana Leticia Silva

Luciana Aguiar

Recontar

PROJETO GRÁFICO:

Rafael Amato

REVISÃO E COLETA DE IMAGENS:

Larissa D'arc

Paulo Proença

AGRADECIMENTO:

Revista Manzuá, pela cessão da foto de capa de autoria de Kika Antunes.



ANA LETÍCIA SILVA é economista com mestrado em Planejamento e Gestão do Território pela UFABC, atuou por 2 anos no Programa Municípios Saudáveis da OPAS, como coordenadora de políticas públicas no Instituto Ethos por 8 anos, como gerente de articulação no GIFE por 3 anos e como diretora de projetos na Agenda Pública por quase 2 anos. Além de trabalhar diretamente com o desenvolvimento de redes, alianças e parcerias nessas organizações, participou ativamente de seus desenhos e processos de desenvolvimento institucional. É facilitadora desde 2007, formada pela H+K Desenvolvimento Humano e Institucional.



LUCIANA AGUIAR é administradora, especializada em Comunicação Organizacional e Relações Públicas, com experiência em gestão de projetos socioculturais e de responsabilidade social empresarial e desenvolvimento local. Trabalha desde 2001 no desenvolvimento de projetos socioeducacionais e desenvolvimento sustentável em organizações não governamentais, sendo as mais recentes o Instituto Ethos (2005-2012) e Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (desde 2012). Atua especialmente nas áreas de gestão, comunicação e na sistematização de saberes e resultados de projetos.

95

EQUIPE BDMG CULTURAL

96



GABRIELA MOULIN é diretora-presidente do BDMG Cultural e mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais. Jornalista de formação e pós-graduada em Relações Públicas pela USP, atua há mais de 20 anos na confluência entre educação, cultura e desenvolvimento territorial, junto a investidores sociais privados e públicos e na intersecção com políticas públicas. Acredita e trabalha por um mundo em que a convivência entre as diferenças, entre os saberes e entre as pessoas seja nosso maior propósito.



CLARISSA PERNA. Afeto, poesia, diversidade, projetos e gambiarras. Graduada em direito, com especialização em Gestão Pública e Gestão de projetos, mestranda em Estado, Governo e Políticas Públicas. Atua há mais de 8 anos com políticas públicas relacionadas ao empreendedorismo. Atualmente trabalha como diretora financeira no Instituto Cultural do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais.



ELIZABETH SANTOS é técnica com experiência em produção cultural e gestão de projetos. É coordenadora de música do BDMG Cultural atuando à frente dos programas da área. Sua atuação visa promover uma maior compreensão da estrutura dorsal da cadeia produtiva da música, procurando identificar as possibilidades de desenvolvimento econômico, social e cultural, a partir de iniciativas que possam agir ativamente no setor.

RETRATOS EQUIPE BDMG CULTURAL
por Adriana Galuppo



LARISSA D'ARC, apaixonada por livros, arte e diferentes culturas. Graduada em Artes Visuais, descobriu que sua relação com a arte não mora no fazer artístico, mas sim na contemplação e preservação da memória, por isso, se graduou também em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. Atua há dez anos nas áreas de conservação, restauração e produção cultural.



ÉRICO GROSSI atua profissionalmente como gestor cultural, economista, músico e artesão de instrumentos musicais ligados à percussão brasileira. Graduado em Ciências Econômicas pela UFMG com mestrado em Administração Pública pela Fundação João Pinheiro. Foi professor de disciplinas de economia do setor público, macroeconomia, microeconomia e economia brasileira em universidades de Belo Horizonte, tais como: UFMG, UNA, Newton Paiva e Uni - BH. Foi gestor de política econômica e de infraestrutura da Secretaria de Planejamento do Estado de Minas Gerais. Trabalha profissionalmente no Instituto Cultural BDMG em atividades de gestão e produção de projetos culturais.



FRANCISCO ROBERTO ROCHA DE CARVALHO é administrador de empresas, diletante da matemática e das artes. Viveu feliz com a matemática, porém hoje vive feliz pelas artes. No BDMG, trabalhou com micro e pequenas empresas, microcrédito, marketing e ouvidoria. Chegou ao BDMG Cultural há pouco tempo, e na instituição encontrou a realização em seu sentido pleno. Foi essencial na formação o programa BDMG Pró-Equidade, atualmente BDMG Plural.



RAFAEL AMATO é designer gráfico graduado pela UFMG. Faz parte da equipe desde 2019 e, anteriormente, atuou no estúdio Hardy Design (2018 - 2019). Para além deste relatório, ele também cria as identidades dos projetos, catálogos, materiais expográficos e é responsável pela unidade visual e produção gráfica do Cultural. Acredita nos processos coletivos de criatividade e no Design em uma perspectiva cultural, que contribui visualmente para o mundo que nos cerca ao dialogar também com outros saberes.



PAULO PROENÇA é jornalista e radialista. Amante das artes e, sobretudo, da música. Responsável pela coluna LGBT Todas as Cores (2016-2019), veiculada na Rádio Inconfidência, emissora pública de Minas Gerais, onde atuou como apresentador, editor, programador musical e produtor. Cofundador e editor do portal de entrevistas Motif. Participou como curador de editais públicos e de projetos musicais. Atualmente, é assessor de comunicação do BDMG Cultural e apresenta o programa Las Cores na Frei Caneca FM, rádio pública do Recife.



CIDA PAULINO é formada em pedagogia, porém sua trajetória sempre foi o trabalho administrativo por identificação. Passou por empresas como INDI, CEMIG e, atualmente, trabalha no setor administrativo do BDMG Cultural. Teve oportunidade de vivenciar a trajetória da instituição, bem como ver projetos importantes se despontando e se fortalecendo. Sente-se uma pessoa feliz e realizada no trabalho, colocando desde sempre a responsabilidade e a pontualidade das tarefas em primeiro lugar, andando lado a lado com colegas coordenadores e sob a liderança de competentes gestores, que mantêm vivo o compromisso de promover a cultura.



JÉSSICA COELHO é bacharelanda em Direito. Acredita que o sentido da vida advém das pequenas coisas e por isso ama tudo aquilo que dá sentido ao existir. É coordenadora social de Projeto de Vida para jovens desde 2010. Foi estagiária do Tribunal de Justiça (2019-2020) e da Defensoria Pública de Minas Gerais (2018-2019), nas áreas cíveis, criminais e processuais. Atualmente, é estagiária jurídica do Instituto BDMG Cultural, onde realiza suas atividades acreditando no papel fundamental da cultura para a existência de uma sociedade mais digna e feliz.



BEATRIZ GODOY é estudante do curso de Direito da UFMG e atualmente está cursando o 9º período. Atuou como estagiária jurídica do BDMG Cultural durante o ano de 2020 e já estagiou em órgãos como Juizado Especial Cível e da Fazenda Pública, como conciliadora e auxiliar de magistrado, bem como no DER - MG. Possui afinidade e interesse nas áreas de Direito Administrativo, Direito Internacional Público e Direitos Humanos. Atualmente, é voluntária jurídica no Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados em Belo Horizonte.

97

—
Este relatório é composto pelas tipografias
Barlow e Source Serif. A diagramação
foi finalizada em dezembro de 2020.



